

SEGUNDO CAPÍTULO

PROJETO PARANAPANEMA: UMA AMOSTRA PARA A FORMULAÇÃO DE MODELOS DE MUSEALIZAÇÃO

2.1. O PERFIL PATRIMONIAL DO PROJETO

PARANAPANEMA: A CONTRIBUIÇÃO MUSEOLÓGICA PARA O GERENCIAMENTO DA INFORMAÇÃO.

A escavação arqueológica do Sítio Fonseca, situado no município de Itapeva, São Paulo, realizada por Luciana Pallestrini, em 1968, deu início ao Projeto Paranapanema.

Esses trabalhos evidenciaram as marcas pré-coloniais de uma aldeia de horticultores ceramistas, deixadas há mil anos, entre muitas evidências arqueológicas encontradas na área próxima ao referido vestígio.

Pallestrini e Moraes (1995, p. 4) relatam que ... “A metodologia de campo se baseou nas escavações de superfícies amplas, com o máximo de limpeza do solo para a evidenciação precisa das estruturas e de seus testemunhos inseridos. O concomitante quadriculamento do sítio foi executado pela adoção de coordenadas orientadas no sentido N-S e L-O, com 10 metros de lado. Subquadriculamentos internos, de metro em metro, foram realizados para aplicação da técnica de decapagens por níveis naturais, proporcionando a necessária interrelação dos vestígios. O método e as técnicas seguiram a linha de ação do Prof. André Leroi-Gourhan do College de France, adaptada aos sítios brasileiros por L. Pallestrini.”

A então jovem arqueóloga, após ter deixado o Instituto de Pré-História, no início da década dos anos sessenta, estruturou a área de Arqueologia no Museu Paulista, e, a partir desta

instituição, deflagrou o processo de pesquisa que conduziu a Bacia do Rio Paranapanema ao centro de interesse arqueológico do país.

Apoiada na mesma metodologia, Pallestrini deu seqüência às escavações na região e, com isso, formou várias gerações de profissionais.

A aldeia pré-colonial evidenciada no Sítio Fonseca era constituída de oito estruturas habitacionais, dispostas em semi-círculo, além das cinco urnas com restos humanos, que foram encontradas no interior do espaço delimitado pela aldeia. ... “Fonseca possibilitou a aquisição da experiência necessária para as escavações posteriores. Além disso, forneceu amostras de excelente qualidade para que se consolidasse na USP um programa de datações pelo método termoluminescente (TL), pela equipe do Prof. Shiguelo Watanabe” (PALLESTRINI, MORAIS, 1995, op. cit., p. 4). E, mais do que isso, estes trabalhos arqueológicos começaram a desvendar o interior do Estado e, desta forma, alargaram o foco de interesse sobre a ocupação humana, no passado deste território. Cabe frisar que, até então, neste Estado, o grande interesse estava concentrado nas ocorrências arqueológicas litorâneas. Para tanto, vários sítios (sambaquis) já tinham sido evidenciados, algumas reuniões científicas abordaram a problemática referente aos construtores de sambaquis, e várias publicações, cursos, exposições tratavam, exclusivamente, deste tema arqueológico.²⁶

Seguindo a mesma conduta metodológica o Projeto Paranapanema teve continuidade com as abordagens dos sítios Barreiro dos Italianos e Jango Luiz, na região de Angatuba, então distrito de Campina do Monte Alegre. Assim, o interesse do projeto deslocou-se para as proximidades do município de Piraju e com as

(26) Esta referência diz respeito à linha de atuação de Paulo Duarte à frente do Instituto de Pré-História-USP.

novas evidências de uma planta de aldeia, no Sítio Alves, em 1969, foi possível dar início às análises comparativas.

Neste sentido, como pode ser visto na figura 1, ... “Uma linha comum foi observada: a disposição do conjunto de casas em determinada posição no espaço e os sepultamentos sempre externos à habitação” (PALLESTRINI, MORAIS, 1995, op. cit., p.5).

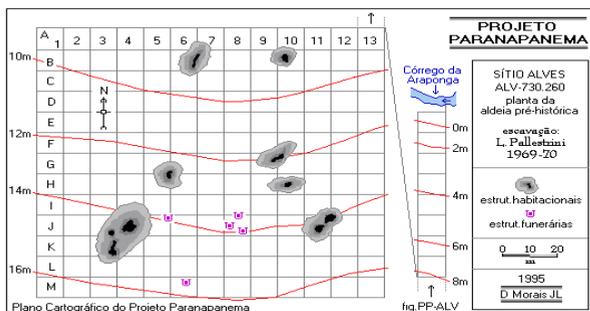


FIG 1

É importante frisar que ao longo da década dos anos setenta, este projeto expandiu-se, sobretudo, no trecho médio da Bacia do Paranapanema, dando ao Museu Paulista, não só uma identidade de instituição museológica de Arqueologia, mas o domínio sobre as questões arqueológicas deste Estado.

Desta forma, começaram a estruturar-se as bases da dimensão patrimonial do Projeto Paranapanema. Apoiadas, neste momento, em uma linha metodológica de influência européia, preocupada com a evidência de grandes extensões intra-sítio, com a compreensão da localização dos vestígios e a relação entre eles. Este

viés arqueo-etnográfico, que, ao longo do tempo, produziu monografias sobre cada um destes sítios arqueológicos, possibilitou também a comparação entre eles, moldando a identidade deste projeto.

As mesmas idéias e mentalidades que nortearam as intenções e as intervenções arqueológicas até aquele momento, impulsionaram, também, os trabalhos sistemáticos no Sítio Almeida, no município de Tejuπά. Definindo, desta forma, um período de interesse concentrado nas proximidades do município de Piraju, que mostrou-se bastante rico em ocorrências arqueológicas.

Este sítio, à semelhança dos outros, reunia os vestígios lito-cerâmicos, de ocupações sobrepostas. A camada mais recente evidenciou vestígios de ceramistas e abaixo, as outras demonstraram artefatos líticos de caçadores-coletores.

Após o Sítio Almeida, o interesse voltou-se para o Sítio Camargo que, em 1976, estava sendo destruído, pois era explorado como porto de areia. As cinco campanhas de escavações, ao longo de oito anos, neste sítio localizado na confluência do Rio Paranapanema com o Ribeirão das Araras, a 4 km de Piraju, evidenciaram, ao lado da cerâmica, artefatos líticos confeccionados com aprimorada técnica. As escavações arqueológicas retificaram os barrancos resultantes da exploração de areia e os transformaram em perfis estratigráficos para evidenciação dos níveis líticos de ocupação.

Em sua tese “A utilização dos Afloramentos Litológicos pelo Homem Pré-Histórico Brasileiro: análise do tratamento da matéria-prima”, José Luiz de Moraes explicita que ... “O Sítio Camargo, além de constituir mais uma etapa do desenvolvimento do Projeto Paranapanema, apresenta novos e diferentes aspectos dentro da pesquisa, devido as suas características peculiares, paulatinamente observadas no decorrer das sucessivas missões de escavações:

- A existência de níveis líticos puros em profundidade, denotando a ocorrência de ocupações pré-históricas sucessivas em local favorável;

- A evidência de uma indústria lítica de elaboração requintada, com artefatos confeccionados por artesãos de grande habilidade, exímios conhecedores da técnica de lascar pedra;

- A apresentação de estruturas de lascamento com testemunhos evidentes da seqüência evolutiva da confecção de implementos; tais testemunhos correspondem às múltiplas tentativas de manipulação da matéria-prima pelo artesão pré-histórico, no sentido de obter um utensílio desejado;

- Nas estruturas de lascamento, a comprovação da seqüência de gestos técnicos que elevaram o artesão pré-histórico a obter implementos desejados; essa comprovação pôde, inclusive, demonstrar a existência de diferenças individuais face ao ato de lascar pedra: gestos análogos praticados por homens diferentes produzem artefatos de um mesmo tipo geral, mas com nuances peculiares decorrentes da personalidade de quem os manufaturou;

- O fato dos fenômenos geológicos ligados à gênese da matéria-prima utilizada terem sido observados claramente “in loco” no Camargo; a ocorrência desses afloramentos litológicos aptos ao lascamento foi fator de vital importância para a manutenção da ocupação pré-histórica por, praticamente, quatro milênios;

- a peculiaridade do Sítio Camargo apresentar a datação absoluta de ocupação pré-histórica mais recuada, até agora verificada no âmbito do Projeto Paranapanema (4650 ± 170 anos A.P.)” (MORAIS, 1983 p. 26 e 27).

Ao lado dos Sítios Fonseca, Jango Luiz, Alves, Almeida e Camargo, como também, de prospecções nas áreas circundantes, as escavações no Sítio Brito vieram para somar mais

dados e reiterar seu enfoque temático e monográfico. Os trabalhos neste sítio, localizado no município de Sarutaiá, tiveram início em 1981 e evidenciaram sucessivas ocupações, à semelhança das pesquisas anteriores. Entretanto, as datações recuaram até 7.000 anos.

Essas pesquisas e as respectivas datações apontaram para a seguinte cronologia (Quadro 1), abaixo apresentada:

Nome dos Sítios	Datações
Sítio Fonseca	1.076 anos ap
Sítio Jango Luiz	1.210 anos ap
Sítio Alves	1.020 anos ap
Sítio Almeida	460 anos ap
	1.500 anos ap
	2.400 anos ap
	3.600 anos ap
Sítio Camargo	1.030 ± 85 ap
	2.060 ± 230 ap
	4.650 ± 170 ap
Sítio Brito	3.930 ± 60 ap
	4.260 ± 60 ap
	5.080 ± 60 ap
	7.020 ± 70 ap

(Quadro 1)

É importante destacar que um dos frutos mais significativos desses procedimentos arqueológicos pode ser identificado na criação do **Centro Regional de Pesquisas Arqueológicas Mario Neme**, em Piraju. Desta forma, a equipe sinalizou para mais um aspecto constitutivo do perfil patrimonial do

Projeto Paranapanema: a sua vocação para parcerias institucionais no interior do Estado.

Nesse mesmo momento em que a coordenação afinava as suas relações com a população, sobretudo de Piraju, também consolidava a “face arqueológica” do Museu Paulista.

Após esta primeira fase, a partir de 1987, o Projeto Paranapanema mudou de coordenação e acrescentou, à experiência anterior, um olhar mais agudo para a problemática da dispersão territorial dos vestígios de caçadores e horticultores.

Assim, a partir dessa data, sob a gestão de José Luiz de Moraes, este projeto constituiu equipes locais, cobrindo os extremos territoriais da Bacia do Rio Paranapanema e organizou-se como um **Programa Regional de Arqueologia da Bacia do Rio Paranapanema**. Assim, novos convênios foram assinados, como por exemplo, entre a Universidade de São Paulo-USP e a Universidade Estadual Paulista-UNESP, que consolidou uma equipe sediada na cidade de Presidente Prudente, que vem assumindo os levantamentos, prospecções e escavações arqueológicas. Da mesma forma, outro convênio entre a USP e a CESP-Centrals Elétricas de São Paulo, garantiu a presença de pesquisas arqueológicas nos grandes empreendimentos hidrelétricos no Paranapanema e seus afluentes, como nas hidrelétricas de Taquaruçú, Canoas I, Canoas II e Ourinhos.

“Com proposta de atuação em um território de aproximadamente 47.000 km², o projeto organizou-se regionalmente a partir da adoção de um quadro em que se distinguem unidades do tipo região, meso-região e micro-região. A menor unidade de referência é, todavia, a micro-bacia hidrográfica, parcela preferencial para o estabelecimento dos estágios de reconhecimento de área, levantamento, prospecção e escavação sistemática. De fato, a menor unidade de ação é a bacia hidrográfica. As unidades maiores são

constituídas pelo agrupamento de micro-bacias. A norma essencial que dita a forma de agrupamento gira em torno de fatores ambientais, principalmente os geológicos e os geomorfológicos, grandes balizadores da oferta de matérias-primas para a produção de artefatos líticos e cerâmicos: a justificativa está na marcante associação entre o patrimônio ambiental e o patrimônio cultural nos tempos pré-históricos” (PALLESTRINI, MORAIS, 1995, p. 11).

Para tanto, as estratégias metodológicas também foram acrescidas de outros processos de trabalho de inspiração norte-americana que privilegiaram quatro procedimentos básicos para uma abordagem regional: raciocínio indutivo e dedutivo durante toda a pesquisa, retroalimentação, entre os diferentes momentos de trabalho, organização de amostragem probabilística e formulação de técnicas analíticas relacionadas às hipóteses e ao material estudado.

Este “modelo” Redman, que havia sido sugerido por Neves (1994) para o conhecimento arqueológico do território paulista e possível troca de informações entre as diferentes equipes, passou a nortear a metodologia das pesquisas empreendidas pelas diversas equipes, ao longo do Paranapanema.

O inevitável envolvimento com os projetos das referidas hidrelétricas possibilitou a abertura de diversas frentes de pesquisa, para as quais foram estabelecidos sub-programas de salvamento, que tiveram os princípios de: consolidar as equipes locais e produzir trabalhos acadêmicos apoiados nos respectivos resultados. Estes processos de pesquisa foram orientados a partir de procedimentos comuns, como:

- reconhecimento da área a partir de fontes documentais.
- levantamentos com coletas testemunhais.

- prospecção para aquisição de amostras sistemáticas e neste sentido identificar o elenco de sítios e aqueles que devem ser escavados.
- escavação de acordo com a metodologia já apresentada.

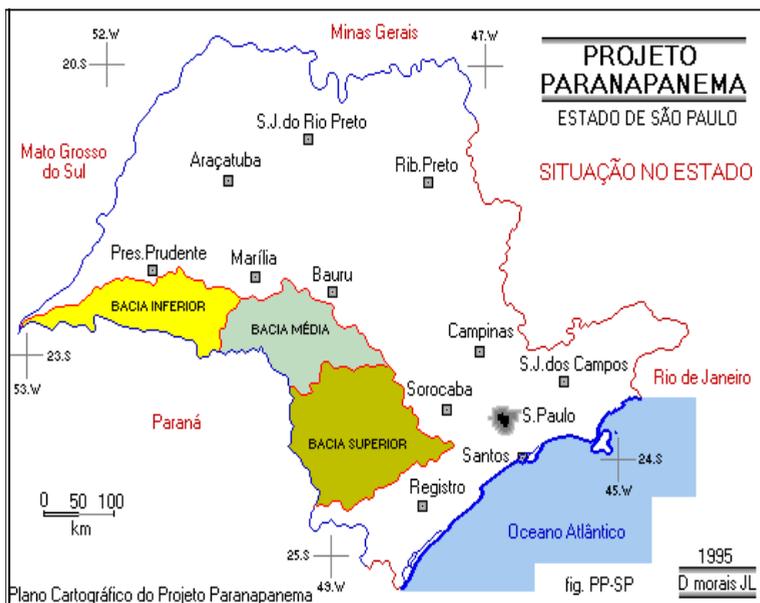
O desenvolvimento desses sub-programas, além de um reconhecimento abrangente da área, gerou oportunidade de trabalhos em mais três sítios que merecem destaque.

Em um primeiro momento, o Sítio Alvim (1983), localizado no município de Pirapozinho, indicou grande densidade de vestígios lito-cerâmicos e muitas estruturas de combustão, além de evidências da ocupação indígena do período colonial, reconhecida pela presença de telhas confeccionadas no século XVII. O Sítio Narandiba, por sua vez, distinguiu-se do panorama arqueológico até então delineado para a região do Paranapanema. Este sítio, que foi estudado por Ruth Kunzli, situa-se no município homônimo e, provavelmente, testemunha a existência de um local cerimonial, com gravuras sobre piso basáltico. Foi encontrada, também, uma série de evidências de estruturas de lascamento e de combustão.

Ao lado dos dois sítios já mencionados alinha-se, com a mesma importância, o Sítio Taquaruçu, com registros arqueológicos oriundos da ocupação indígena do século XVII. Os testemunhos da presença humana neste local e neste período correspondem a estruturas de combustão, líticos lascados, objetos em metal e, especialmente, telhas com logomarca da Companhia de Jesus.

Outros tantos sub-programas têm sido implementados, como também a utilização de procedimentos de pesquisa viáveis para a nova conjuntura do projeto, como, por exemplo, a fotointerpretação para o reconhecimento de área a ser investigada. O Projeto Paranapanema chegou aos anos noventa com

sua personalidade bem definida, a partir dos aspectos que foram abordados. Da mesma forma, as estratégias da coordenação dotaram este Programa de uma estrutura organizacional poucas vezes vista neste país. Assim, hoje, este programa é compreendido a partir da configuração de três bacias (superior, média e inferior), conforme figura 2, com equipes cobrindo toda a área e atuando a partir de procedimentos comuns, apoiadas por um plano cartográfico bastante sofisticado e uma nomenclatura já definida.



O quadro 2, a seguir, indica algumas características desta organização:

Bacia Superior: 21.263 km ²		
- meso-região	- Jurumirim	- 4.559 km ²
	- Itapetininga	- 2.620 km ²
	- Alto Paranapanema	- 3.289 km ²
	- Apiai	- 2.909 km ²
	- Taquari	- 4.517 km ²
	- Itararé	- 3.369 km ²
Bacia média: 14.423 km ²		
- meso-região	- Pardo Turvo	- 7.000 km ²
	- Médio Paranapanema de Piraju	- 1.775 km ²
	- Médio Paranapanema de Ourinhos	- 3.687 km ²
	- Canoas	- 1.961 km ²
Bacia inferior: 11.789 km ²		
- meso-região	- Capivara	- 6.373 km ²
	- Taquaruçu	- 3.366 km ²
	- Rosana	- 2.050 km ²

(Quadro 2)

Em sequência à estruturação do plano organizacional deste Programa Regional, José Luiz de Moraes dotou-o de mais um elemento: o SIG-Arqueologia-Sistema de Informações Geográficas para a Arqueologia. Trata-se da tentativa de utilizar os recursos

oferecidos pela informática para normatizar, agilizar e preservar as informações produzidas pela pesquisa arqueológica.

É importante frisar que, este novo elemento que veio trazer maior agilidade, indicou também as preocupações preservacionistas que há um certo tempo circundavam as decisões desta intervenção arqueológica no interior do Estado de São Paulo.

Dentro destes princípios relacionados à pesquisa, divulgação e preservação, despontaram as questões museológicas, pois desde o início o Projeto Paranapanema esteve vinculado a museus. Gerou a constituição de coleções de artefatos e reuniu vestígios de naturezas diversas, que, por sua vez, acabaram por se integrar aos acervos institucionais.

Assim, a problematização da hipótese deste trabalho encontrou o parceiro ideal ao confrontar-se com o perfil patrimonial do Programa Regional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia do Rio Paranapanema, ou seja: trata-se de um longo e ininterrupto processo de investigação arqueológica, vinculado estreitamente à instituição museu e, ao mesmo tempo, apresenta uma história patrimonial com momentos bem delineados.

Neste sentido, esta realidade arqueológica foi considerada, desde o início, viável para o estudo de caso pretendido.

É importante frisar que, ao longo do processo deste trabalho, foi possível verificar valores muito particulares que a história do Projeto Paranapanema soube construir, como, por exemplo:

- a consolidação de reorientações metodológicas a partir do surgimento de novos desafios, sem desconsiderar as posturas iniciais.
- a implantação de um plano organizacional que privilegia a descentralização dos projetos e, ao

mesmo tempo, impõe um moderno e sistemático plano de gerenciamento da informação.

- a convivência harmoniosa, mas não ingênua, com as perspectivas descortinadas pela Arqueologia de Contrato.
- a preocupação com a inserção acadêmica dos problemas oriundos da expansão das pesquisas arqueológicas.
- a sensibilidade para perceber a abrangência dos problemas patrimoniais, a partir de um enfoque regional.

Assim, a elaboração dos modelos de musealização partiu de bases sólidas, pôde contar com documentação organizada e, o que tem sido mais importante, apoiou-se em um projeto arqueológico que tem passado, conta com um presente bem definido e que já está se preparando para um futuro (Quadro 3).

A apresentação do histórico das pesquisas nesta parte do trabalho, em hipótese alguma, pretende propiciar uma releitura ou uma análise sobre os procedimentos e decisões até aqui deflagrados por aqueles que têm conduzido os destinos dessa intervenção arqueológica na região sudoeste do Estado de São Paulo. Ao contrário, esse breve histórico teve a intenção de apresentar alguns personagens e cenários, algumas ações e metodologias que têm constituído o perfil do Projeto Paranapanema.

Desta forma, cabe frisar que a inserção das propostas de **modelos de musealização** no plano organizacional deste Programa Regional de Arqueologia, considera a parceria com a implantação do “SIG-Arqueologia” (Quadro 4). Enquanto este organiza, preserva e facilita o acesso às informações constituídas ao longo das pesquisas, como identificações e análises de sítios, planos cartográficos, fichas

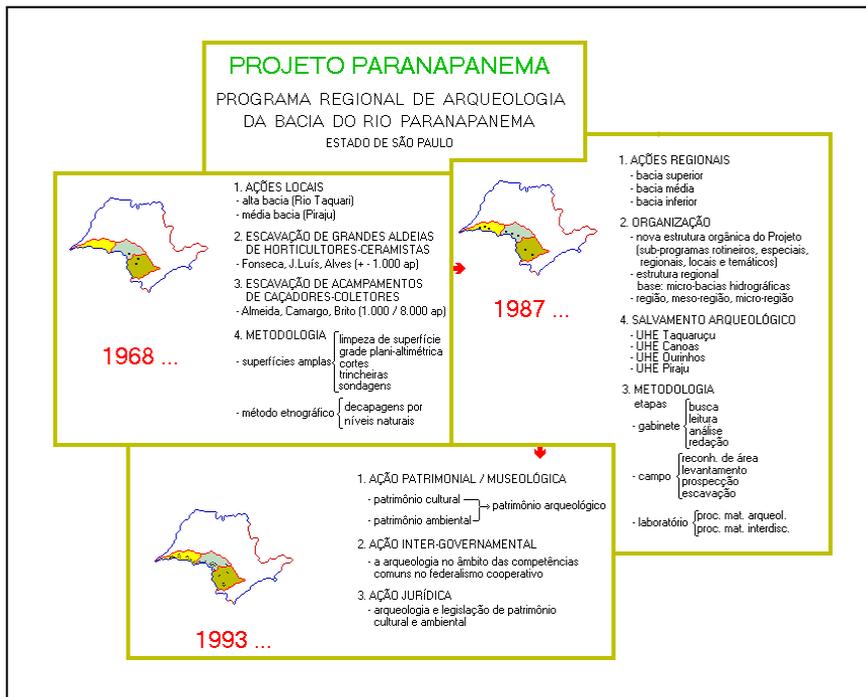
de trabalho, entre outros, os modelos de musealização, por sua vez, pretendem dar conta do gerenciamento e comunicação das informações contidas nos objetos arqueológicos que integram as coleções museológicas.

Para tanto, as três propostas apresentadas neste trabalho, com níveis de detalhamento bem distintos, têm o objetivo de interagir com os problemas básicos relacionados aos bens patrimoniais móveis gerados pelo Projeto Paranapanema, ou seja: a sua inserção em um museu com as características do Museu de Arqueologia e Etnologia, a otimização das experiências museológicas do Centro Regional de Pesquisas Arqueológicas Mario Neme e as perspectivas para convivência museológica com os vestígios abandonados nos museus do interior do Estado.

É evidente que o perfil patrimonial do Paranapanema permite outras abordagens museológicas, tanto derivadas das propostas aqui apresentadas, quanto originadas de outros processos²⁷, sem que isso caracterize, absolutamente, um potencial conflito, mas se constitua em um profícuo diálogo entre as diferentes e necessárias opções.

O mais importante será sempre a apropriação museológica dos bens móveis gerados pela intervenção arqueológica.

(27) Cabe menção à proposta de criação de um museu de Arqueologia em Presidente Prudente apresentada pelos Profs. Ruth Kunzli e José Martins Soares da UNESP.





(Quadro 4)

2.2. A ELABORAÇÃO DE MODELOS DE MUSEALIZAÇÃO: A CONTRIBUIÇÃO DA MUSEOLOGIA PARA O GERENCIAMENTO DA INFORMAÇÃO.

A partir do que foi exposto anteriormente, o Projeto Paranapanema oferece uma plataforma científico-institucional estimulante para a formulação de **modelos de musealização**, pois o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas tem sido permeado por questões museológico-preservacionistas.

Os modelos propostos a seguir foram formulados com os objetivos explícitos de apresentar alternativas museológicas para o gerenciamento e extroversão da informação, relacionados aos processos de preservação patrimonial.

Considera-se que as três proposições vinculam-se aos problemas básicos que giram em torno do referido projeto arqueológico. Entretanto, é possível identificar a multiplicação das propostas e a aplicação de alguns modelos em outras regiões do projeto.

O Modelo 1 - “Os Impasses dos Museus Tradicionais - Programa de Comunicação Museológica do MAE/USP” - dissecas as questões históricas e museológicas que estão na base da estruturação desta instituição e que direcionam a assimilação interna das pesquisas do Projeto Paranapanema, como também interagem com as perspectivas de tratamento e comunicação do conhecimento reunido e produzido no âmbito deste projeto.

Este modelo pode propiciar uma outra leitura, sob o ponto de vista da referida estratégia do abandono, pois os museus tradicionais como o MAE/USP - apesar de suas trajetórias particulares - têm um perfil comum e impasses semelhantes. As questões estruturais que já foram apresentadas, ligadas ao “poder”, ao

“sacralizado”, ao “enciclopédico”, ao “acúmulo de objetos”, se cruzam com os problemas conjunturais que, neste caso, estão implícitos à fusão de quatro instituições/acervos/memórias e à geração de um novo museu.

Já o **Modelo 2 - “A Integração das Referências Patrimoniais - Museu da Cidade de Piraju”** - parte da perspectiva de que o isolamento das fontes arqueológicas, em processos museológicos estanques, tem colaborado para a incompreensão das características culturais dos povos que nos precederam.

Da mesma forma, este modelo pode ser analisado a partir da relevância que os novos procedimentos museológicos têm legado ao tratamento das questões patrimoniais.

A escolha da cidade de Piraju, prende-se a sua própria relevância no âmbito do Projeto Paranapanema, mas é importante destacar que este modelo pode ser aplicado em outras cidades, ao longo da área coberta pelas pesquisas.

O **Modelo 3 - “O Resgate dos Vestígios Abandonados - Museus de Interior”** - foi proposto com o objetivo de abordar um outro lado da problemática referente à musealização da Arqueologia. Trata-se da realidade arqueológica existente nestas instituições, mas destituída de qualquer envolvimento científico com as pesquisas em desenvolvimento no Estado de São Paulo.

Enquanto modelos de musealização, prendem-se a definições conceituais e estabelecimentos de critérios metodológicos. Estão apresentados, separadamente, a partir das características que lhes são peculiares.

Na ausência de uma política museológica universitária, estadual ou federal, preocupada com a musealização da Arqueologia, o Programa Regional de Arqueologia da Bacia do Rio

Paranapanema representa a linha de união entre os três modelos propostos.

MODELO 1

“PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA DO MAE/USP”

- os impasses dos museus tradicionais -

“O que estou querendo dizer, em outras palavras, é que neste país não temos projetos efetivos, significativos, que possam se traduzir de uma maneira mais produtiva em mensagens organizadas, em informação sistematizada, capazes de permitir o aperfeiçoamento da sociedade. Toda essa problemática do abandono dos museus, dos arquivos, dos institutos de pesquisa não é trivial, nem tampouco é à toa. Essa situação marginal; em que se encontram todos esses órgãos, instituições e iniciativas não é um acidente, não é uma coincidência. Está associada a uma visão de mundo que não os considera importantes e isso é o mínimo que se pode dizer. Em alguns casos, é pior; em alguns casos é porque são inúteis ou perigosos, logo, alguma coisa que se deve deixar minguar!”

Gilberto Velho (1991)

**Desenvolvimento da Proposta
(quadro referencial)**

Introdução: justificativas para o modelo.

1ª Parte: Contexto Institucional: a trajetória do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

1.1.) Conceito Museológico: A inserção das pesquisas arqueológicas do Projeto Paranapanema no âmbito do Programa de Comunicação do MAE/USP.

2ª Parte: Metodologia de Trabalho: a pesquisa museológica.

2.1.) Programa de Comunicação Museológica

2.2.) Projeto Banco de Dados

2.3.) Projeto Sistema de Exposições

Obs.: a descrição do modelo é apresentada a seguir

INTRODUÇÃO: JUSTIFICATIVAS PARA O MODELO

As instituições museológicas tradicionais têm dispendido grandes esforços no sentido de capacitarem-se para o confronto com o público contemporâneo, habituado à eficiência da tecnologia, à pressão da comunicação ligada à propaganda e à crescente diversidade de formas de aprendizagem. Neste mesmo século, em que tantas transformações aceleraram o intercâmbio de informações, constata-se que os museus vêm assumindo múltiplas faces.

Esta mutação, embora lenta e desigual, se traduz nas mudanças de conteúdo e forma dessas instituições.

Cabe destacar, como já foi apontado, que há um certo constrangimento em pensar e realizar instituições que perpetuam objetos, enquanto o nosso cotidiano é permeado pela onipotência dos objetos descartáveis.

A bibliografia desta área indica que essa busca constante do equilíbrio entre continuidades e rupturas procura responder às responsabilidades de um modelo de instituição que vem conjugando atividades preservacionistas, de produção de conhecimento, de comunicação e de educação, entre outras.

Como já foi apresentado neste trabalho, há séculos os museus vêm reunindo um vasto e diversificado acervo patrimonial. Ao mesmo tempo, vêm acumulando idiossincrasias referentes às múltiplas maneiras de entender o perfil da produção de conhecimento baseada nesses acervos; à particularidade dos processos de comunicação e educação por meio dos objetos; e às dificuldades inerentes ao necessário processo de mudanças estruturais.

Nos dias de hoje, os museus devem ser democráticos, interna e externamente, gozar de autonomia, serem auto rentáveis,

precisam desenvolver seus trabalhos preservacionistas por meio de olhares mais abrangentes e diversificados e devem ter suas portas bem abertas para que, ao lado da elite intelectual e econômica, entrem, também, outros setores socialmente marginalizados.

De acordo com as propostas inseridas na “Declaração de Caracas” (1992) ²⁸ ... “O Museu da América Latina deve responder aos desafios que lhe impõe hoje o meio social no qual está inserido, a comunidade a que pertence e o público com que se comunica. Para enfrentá-lo é necessário:

- 1- Desenvolver sua qualidade como espaço de relação entre os indivíduos e seu patrimônio, onde se propicia o reconhecimento coletivo e se estimula a consciência crítica.
- 2- Abrir caminhos de relação entre o museu e os dirigentes políticos para sua compreensão e compromisso com a ação do museu.
- 3- Desenvolver a especificidade da linguagem museológica como mensagem aberta, democrática e participativa.
- 4- Refletir as diferentes linguagens culturais com base em códigos comuns, acessíveis e reconhecíveis pela maioria.

(28) documento celebrado em Caracas, Venezuela, no âmbito no Seminário “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios”, promovido pela UNESCO.

- 5- Revisar o conceito tradicional de patrimônio museal a partir de uma nova perspectiva, onde o entorno seja o ponto de partida e de referência obrigatória.
6. Adotar o inventário como instrumento básico para a gestão do patrimônio.
7. Lutar pela valorização social do funcionário de museu em termos de reconhecimento, estabilidade e remuneração;
- 8- Priorizar na instituição museológica a formação profissional integral do funcionário de museu.
9. Estabelecer mecanismos de administração e capacitação de recursos como base para uma gerência eficaz”.

Essas são as demandas mais ou menos visíveis, que norteiam o universo museológico.

Ao lado de outras áreas de conhecimento, a Museologia vem se esforçando para contribuir com as necessárias transformações e/ou rupturas dos processos museológicos. Atuando, como a epistemologia do fenômeno museal, esta disciplina tem proposto diversos caminhos metodológicos para os museus tradicionais e tem procurado separar as questões conjunturais daquelas essenciais.

Fala-se e escreve-se muito sobre a importância dos aportes econômicos e políticos para o sucesso e eficiência dos museus. Estes são significativos, mas não o cerne da questão.

Ao contrário, a essência reside em entender que na contemporaneidade estes museus ainda têm um espaço próprio na dinâmica sócio-cultural, nos diferentes países onde se desenvolvem, desde que se organizem e atuem a partir de uma concepção processual.

Apesar das distintas trajetórias históricas, das peculiaridades do acervo e correspondente pesquisa, e mesmo dos diferentes perfis do público, estas instituições devem ter sempre muito clara a obrigatoriedade do estabelecimento de processos em três níveis, a saber:

- a) *planejamento institucional*: análise e revisão constantes da sua estrutura, das suas linhas de pesquisa, da sua política de acervo e da abrangência de suas responsabilidades preservacionistas, científicas, educativas e sociais.
- b) *gerenciamento da informação*: estabelecimento de sistemas que tenham a potencialidade de organizar, controlar e viabilizar a transmissão do conhecimento produzido por meio do estudo das coleções, a partir da história institucional e proveniente da implementação dos diferentes projetos.
- c) *comunicação museológica*: implantação de sistemas expositivos, pedagógicos e de ação cultural, inerentes à extroversão sistemática do conhecimento produzido, e gerenciado pela instituição museal.

É evidente que a natureza da área de conhecimento básico do museu (ou áreas), vinculada à especificidade de suas

coleções e linhas de pesquisa, é um dado fundamental na concepção e no desenvolvimento dos processos acima elencados.

Neste sentido, o modelo ora apresentado indica a problemática e a perspectiva que envolvem a inserção do acervo e do respectivo conhecimento produzido, em uma instituição com as características do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, a partir das pesquisas vinculadas ao Projeto Paranapanema.

Diferentemente dos outros modelos indicados a seguir, onde essas pesquisas arqueológicas representam um fator determinante para a implantação do processo de musealização, este primeiro modelo aponta para os problemas museológicos, vistos no âmbito de uma complexa instituição tradicional.

Pretende-se, desta forma, ressaltar que, embora a Arqueologia já tenha se apropriado dos caminhos apontados pela Nova Museologia para sua maior inserção social, não é possível desconsiderar que, em grande parte, o conhecimento arqueológico está ainda circunscrito a instituições museológicas semelhantes ao MAE/USP.

Assim, este modelo de musealização apresenta parâmetros metodológicos que interagem com os impasses dos museus tradicionais, procurando propiciar as bases para um trabalho museológico processual.

1ª PARTE: CONTEXTO INSTITUCIONAL: A TRAJETÓRIA DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

A constituição do novo Museu de Arqueologia e Etnologia na Universidade de São Paulo, em 1989, deu-se a partir da fusão dos setores de Arqueologia e Etnologia do Museu Paulista, do Instituto de Pré-História e do Acervo Plínio Ayrosa do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e do antigo Museu de Arqueologia e Etnologia. Esta fusão foi recomendada por uma comissão constituída em 1986 pelo então Reitor Prof. Dr. José Goldemberg, através da portaria nº 2073, e coordenada pelo Prof. Dr. José Jobson de Andrade Arruda.

Esta comissão²⁹ desenvolveu seus trabalhos, tendo apresentado um relatório final, onde justificou a necessidade da fusão acima referida, em função da semelhança das atuações técnico-científicas das instituições envolvidas e da perspectiva de crescimento profissional para todos os docentes e técnicos vinculados aos antigos grupos.

Este relatório final indica como vantagens desta fusão as seguintes propostas.³⁰

“4- PROPOSTAS:

- 4.1. - Reordenação de acervos, programas, recursos e redefinição dos organismos em causa.

(29) Membros da comissão: Profs. Drs. Caio del Rio Garcia, Eunice Ribeiro Durhan, Haiganuch Sarian, Thekla Hartmann, Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses e Boris Fausto.

(30) Propostas apresentadas no citado relatório

À vista do quadro exposto, impõe-se uma profunda reorganização de acervos, programas, recursos e objetivos das instituições analisadas. Os problemas apontados seriam resolvidos inicialmente, pela formação e desenvolvimento de dois novos museus, um de caráter antropológico (arqueológico e etnológico) e outro, de caráter histórico. Não se trata, pois, de criar mais museus ou extinguir qualquer deles, mas de ordenar a situação caótica vigente, para constituir dois museus coerentes e orgânicos.

4.2. - O Museu Antropológico:

Não haveria viabilidade de, hoje em dia, propor um Museu antropológico geral (tipo Musée de l'Homme, de Paris, ou Museum of Mankind, de Londres), nem teria muito sentido. Todavia, é plena-mente possível mobilizar o que existe na USP para criação de um grande museu antropológico, cujo horizonte último seria a formação cultural brasileira, no contexto da América Latina, envolvendo, portanto, as contribuições trazidas pelo Velho Mundo, pela América pré-colonial e pela África negra.

A condição preliminar seria a integração dos acervos hoje esparsos, com a conseqüente integração do pessoal, recursos e programas conexos.

A fundamentação de tal integração é a seguinte:

4.2.1. - A situação vigente de duplicação caracteriza desrespeito a preceito da lei federal, que é expres-samente reproduzido nos Estatutos da USP (parágrafo único do artigo 6º, conforme a Lei Federal 5540, de 28 de novembro de 1968, artº. 11, “c”).

4.2.2. - É de toda conveniência adminis-trativa e econômico-finan-ceira agrupar recursos dispersos para a consecução dos mesmos objetivos ou afins. Ressaltem-se, a este respeito, os benefícios que advi-riam para as condições de pes-quisa, conservação de acervos, exposições, publicações, etc...

4.2.3. - **Last, but not least**, as razões acadêmicas são determinantes:

- a. o enriquecimento, melhor sistematização e racionalidade de coleções hoje atomizadas;
- b. exploração, em todos os níveis (científico, cultural, educacional), das vantagens da complementaridade de certas coleções (p. ex., Arqueologia e Etnologia de populações das mesmas áreas do território brasileiro; ou o tratamento de problemas comuns em contextos diversificados: ancestralidade africana e mediterrânea, significações da imagem abstrata na África e América pré-colonial, etc);
- c. formação de massa crítica.
- d. articulação, sem prejuízo das especificidades operatórias particulares, das diversas sub-áreas da Arqueologia, que desde a década de 60 vêm buscando, em âmbito internacional, os benefícios da aproximação teórico-conceitual e metodológica,

independente-mente da variação de cortes cronológicos, geográficos, culturais e técnicos. (Veja-se, p. ex., a importância integradora das abordagens ecológicas com-parativas nos contextos da arqueologia clássica e pré-colombiana)”.

É possível constatar que essas propostas estão embasadas nos principais dilemas dos museus contemporâneos, ou seja: rearticulação de acervos, organização programática a partir da definição de um conceito básico para a instituição, formação de massa crítica, aproximações teórico-metodológicas, entre outros.

Este relatório apresenta, também, um diagnóstico - embora pálido - das quatro instituições, no que diz respeito às quantificações e características das coleções arqueológicas e etnográficas, das áreas de pesquisa e dos respectivos especialistas e, sobretudo, registra um balanço das atividades científicas, editoriais, docentes e museológicas.

Este documento trata de forma muito atualizada, a conceituação de museu universitário e introduz uma inédita definição de processo curatorial:³¹, como pode ser apreciado a seguir:

“1.1. - Museus são organismos cuja natureza e atividades peculiares se caracterizam pela referência obrigatória e

(31) conceitos apresentados no citado relatório

permanente a acervos de coisas materiais, no desenvolvimento das responsabilidades da curadoria.

1.2. - **Curadoria** é o ciclo completo de atividades relativas ao acervo, compreendendo a execução e/ou orientação científica das seguintes tarefas:

- a. formação e desenvolvimento de coleções (segundo racional pré-definida dentro de uma política de acervo);
- b. conservação física das coleções, o que implica soluções pertinentes de armazenamento e eventuais medidas de manutenção e restauração;
- c. estudo científico e documentação;
- d. comunicação e informação, que deve abranger da forma mais aberta possível, todos os tipos de acesso, apresentação e circulação do patrimônio constituído e dos conhecimentos produzidos, para fins científicos, de formação profissional ou de carácter educacional genérico e cultural (exposições permanentes e temporárias, publicações,

reproduções, experiências pedagógicas, etc).

1.3. - Se o que dá especificidade ao museu é o acervo, o que dá especificidade ao acervo é a problemática científica (objetos de conhecimento) que ele permite desenvolver. O acervo, assim, tem que ter sistemática, coerência e abrangência (representatividade mínima dos problemas propostos). Nessas condições, não tem mais sentido pensar em museus enciclopédicos (modelo já agudamente contestado no final do séc. XIX) e sim em museus especializados. Museus mistos ou um único museu universitário seriam tão anacrônicos quanto a reinvenção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, tal como surgiu na década de 30.

1.4. - **Um museu universitário** não é apenas um museu **na** Universidade. Ele deve ser organismo que, sem perder sua personalidade própria, preenche por intermédio das atividades da curadoria, as responsabilidades gerais de pesquisa, ensino e prestação de serviços à comunidade -- objetivos primordiais

da Universidade. Estas funções são complementares, mas de mesmo nível e relevância, que as preenchidas em outras esferas universitárias (como os departamentos vinculados ao mesmo domínio do conhecimento) e não de **status** inferior. Além disso, os museus detêm um patrimônio cultural que, pela multiplicidade de fruições e leituras que permite (extravasando de muito os quadros formais da produção de conhecimento científico), constitui instrumento extraordinário de integração não só da Universidade, internamente, mas desta com a sociedade à qual deve servir. A plena exploração desse potencial cultural, portanto, é uma atividade da mais alta expressão social.”

A citada definição coloca a noção processual para a implementação de um museu universitário e, da mesma forma, vincula este processo às responsabilidades universitárias de ensino, pesquisa e prestação de serviços à comunidade.

É preciso sublinhar que a evolução da instituição museológica tem registrado, ao longo do tempo, a parceria com outras estruturas institucionais, tais como prefeituras, secretarias estaduais, ministérios, fundações públicas e privadas, entre outras. Entretanto, a vinculação com universidades representa possibilidade efetiva de reciprocidade, na medida em que o museu significa para elas a

possibilidade de concretizar a produção de conhecimento, o ensino e a prestação de serviços a partir dos objetos, coleções e acervos. A prestação de serviços à comunidade (via extroversão museológica) indica para os museus e para as universidades a cumplicidade entre instituições que devem servir à sociedade. Neste sentido, este documento acrescenta dados relevantes ao conceito de museu universitário.

Mesmo assim, a Universidade de São Paulo não tem dispensado muita atenção aos seus museus. Com exceção das instituições científico-culturais que surgiram na USP na década de sessenta³², outro momento singular está vinculado ao surgimento do novo Museu de Arqueologia e Etnologia³³ e à elaboração dos regimentos e aprovação destas unidades museológicas em 1997.

Para tanto, a Reitoria nomeou uma outra comissão para implantação desta nova instituição e também indicou a possibilidade da construção de um novo e adequado edifício, além de ter agilizado as questões burocráticas relacionadas ao surgimento de uma nova unidade acadêmica.

Nesses anos que separam o momento da fusão da redação deste trabalho, é possível verificar que muitas decisões não foram cumpridas. Lamentavelmente, neste mesmo período, a Universidade de São Paulo atravessou profundas mudanças trazidas pelo novo estatuto, além de crises determinadas pela substituição de dois reitores. Estas questões prejudicaram a agilidade das decisões que uma unidade universitária, em formação, então necessitava. Em especial, deve ser registrado o prejuízo institucional causado pelo abandono irresponsável do projeto arquitetônico de construção de um edifício para abrigar o novo museu.

(32) Museu Paulista, Museu de Zoologia, Museu de Arte e Arqueologia, Instituto de Pré-História, Museu de Arte Contemporânea, Instituto de Estudos Brasileiros.

Entretanto, a fusão mostrou-se como oportunidade única de repensar um processo institucional do início e delinear seu caminho por meio da participação dos seus integrantes.

A segunda comissão³⁴, designada pela Reitoria para implantar a nova instituição, preocupou-se, inicialmente, com três fatores básicos para um museu, a saber: a **estrutura** (organograma e regimento), o **espaço** (edifício - áreas para todas as atividades curatoriais) e o **acervo** (da pesquisa básica à comunicação).

Os descaminhos causados por resistências internas e alterações na gestão universitária influenciaram para que a **estrutura**, após diversas versões, resultasse em um acordo que continua sendo alterado. O **edifício**, após o descarte do projeto elaborado, se resumisse em um espaço adaptado e marginal no Campus Universitário. Finalmente, o **acervo** (e com ele todo seu potencial de pesquisa), não despertasse reavaliações e nem mesmo propostas de articulação.

Esse contexto, agravado por problemas relacionados ao incompleto quadro profissional e à recorrente falta de recursos financeiros, tem amparado a edificação do novo MAE, muito mais baseada em **resistências** do que em **inovações**. É importante salientar que a história dos museus registra poucos processos congêneres.

Por um lado, rearticular museus, com certeza, não tem sido uma constante. Por outro lado, os processos de implantação e transformação de estruturas museológicas, conhecidos por meio da bibliografia, indicam a necessidade de **tempos longos**, como foi o caso da transformação do Musée d'Ethnographie du Trocadero em

(33) Resolução do Reitor nº 3560 de 11-8-89.

(34) A Comissão de Implantação foi constituída pelos seguintes membros: Profs. Drs. José Jobson de Andrade Arruda, Haiganuch Sarian, Thekla Hartmann, Lux Vidal, Dominique Gallois, Kabengele Munanga, pela Profa. Cristina Bruno e pelo conservador Augusto Froelich.

Musée de l'Homme (Paris, França) que durou de 1928 a 1937; ou mesmo do British Museum (Londres, Inglaterra) que ... “Ouvvert au public em 1759, le British Museum voit donc son organigramme changer seulement à partir de 1860, après un siècle d'existence tranquille. On est frappé par la lenteur de ces changements. Aussi faut-il souligner qu'ils ne faisaient qu'adopter l'organisation du musée à son contenu modifié par l'entrée de nouvelles collections qu'on exposait en général bien avant la creation des départements correspondants” (POMIAN, 1988, p. 64). Assim, em 1860 o único departamento de antiguidades é dividido em três (antiguidades greco-romanas; moedas e medalhas e antiguidades orientais); em 1866 é criado o departamento de antiguidades britânicas e medievais e em 1921 as coleções de cerâmica e as etnográficas estruturam novos setores, que são novamente transformados em 1931, e muitas outras alterações acompanham a evolução desse museu até os dias de hoje.

O mesmo pode ser dito sobre o Musée du Louvre que, desde a sua criação em 1793 até a instauração do Projeto “Grand Louvre”, na última década, tem sido alvo de incontáveis transformações.

A organização do Museu da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, Portugal), na década de setenta, e do Musée Canadien des Civilisations (Quebec, Canadá) na década de oitenta, não levou menos de dez anos.

Estes são apenas alguns exemplos extraídos de um universo infinitamente maior e mais complexo. Entretanto, sinalizam para um aspecto básico: pensar e realizar processos museológicos corresponde à compreensão e manejo das articulações possíveis dos sentidos e significados, em três níveis:

- em relação à significância mutante das referências patrimoniais das coleções e acervos reunidos nos museus;
- em relação à significância que o público imprime às instituições museológicas e que vem se alterando rapidamente nas últimas décadas e
- em relação à significância particular e/ou coletiva que os profissionais vislumbram para a sua inserção no universo de trabalho museológico.

Em muitos países nos tempos atuais, essas transformações institucionais estão vinculadas a orientações maiores, que dizem respeito a políticas científicas e culturais. Não é o caso do Brasil e muito menos da Universidade de São Paulo.

Ainda não temos uma política planejada que possa orientar os museus universitários, na superação de seus problemas e na busca de sua particular contribuição social. Neste âmbito, é preciso destacar duas iniciativas: a primeira, está ligada à existência por dois anos (1987-1989) de um “Grupo de Trabalho sobre Museus” que atuou junto ao Instituto de Estudos Avançados da USP; e a segunda, corresponde ao Fórum Permanente de Museus Universitários que existe desde 1992.

O GT-Museus/USP reuniu semanalmente profissionais dos museus desta universidade, que discutiram problemas vinculados à carreira docente, ao regimento dos museus, à natureza e especificidade do trabalho museológico e que também organizaram eventos comuns. Já o Fórum é uma iniciativa que surgiu como resultado do I Encontro de Museus Universitários, realizado em Goiânia em 1992, e que ainda está procurando definir seu perfil e estabelecer uma plataforma de atuação.

A partir dessas considerações é possível ponderar que a “fusão” que deu origem ao novo MAE/USP ficou entregue à própria sorte e depende, quase que exclusivamente, da iniciativa dos profissionais que o integram.

A idéia da unificação dessas instituições, a bem da verdade, não é recente. Desde o final da década de sessenta travou-se um debate, no âmbito da universidade, sobre esse tema.

Pedro Paulo Funari (1994, p. 153) aborda esta questão ao publicar “Paulo Duarte e o Instituto de Pré-História: documentos inéditos”. Em um documento de 1977, intitulado “Pela Dignidade Universitária”, Duarte traça a sua versão sobre a então embrionária idéia de unificação do Instituto de Pré-História e Museu de Arqueologia e Etnologia, a partir da narração das atividades do então diretor do MAE/USP, em função da descaracterização universitária do IPH/USP. O autor explicita que ...

“Em 1972, o professor Ulpiano, respondendo, sempre em caráter provisório, pelo expediente do Instituto de Pré-História, apresentou ao Conselho Universitário, um projeto pelo qual seria transferido para o seu Museu de Etnologia e Arqueologia, “as atribuições conferidas ao Instituto de Pré-História, que ficará extinto”... Aí ficava claro que todos os passos anteriores do professor Bezerra visavam um único fim: enriquecer e ampliar o seu museu com o patrimônio inteiro de um laboratório de pesquisas, muito mais antigo do que o seu museu, patrimônio riquíssimo, com as suas instalações, as suas verbas, os seus aparelhos, até um pequeno mas rico museu voltado para os cursos ali dados, desde muitos

anos, a sua biblioteca especializada com muitas obras raras, as suas coleções, vultuoso material científico, sem contar numerosas publicações de pesquisas, que haviam acreditado o Instituto de Pré-História internacionalmente... Só depois que o Conselho Universitário aprovava, em primeira discussão, esse esdrúxulo projeto que desmoralizaria a própria Universidade, foi esta alertada, tendo dois dos membros do Conselho, já em caminho da discussão final, requerido vista do processo: o professor José Goldemberg, diretor do Instituto de Física e o professor Paulo Artigas, da Faculdade de Odontologia, hoje já aposentado, os quais apresentaram pareceres contra a grave equívoco a que estava sendo conduzido o Conselho Universitário”...

Além da curiosidade de encontrar o nome do Prof. Goldemberg, que depois promoverá a fusão, entre aqueles que impediram a unificação em 1972, as palavras impertinentes de Paulo Duarte, revelam que esse tema apresenta, desde sempre, distintas concepções.

Também as idéias e concepções do mencionado Prof. Meneses podem ser analisadas em correspondência³⁵ encontrada no Centre de Documentation de l'ICOM - Paris/França, reproduzida a seguir.

(35) A carta reproduzida a seguir pertence ao arquivo do referido centro e corresponde à documentação sobre o Brasil, alvo de pesquisa ocorrida em julho de 1991.

Sr. G...
Ar. C



**MUSEU DE ARTE E ARQUEOLOGIA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

São Paulo, le 20 janvier 1970

M. Hugues de Varine-Bohan
Directeur de l'ICOM
Palais de l'UNESCO
Paris - France

REC 25 JANV 1970

Cher Hugues,

Ça fait longtemps que je vous dois une lettre. Pourtant celle-ci ne concernera qu'un choix de nouvelles pour vous mettre au courant de nos problèmes les plus urgents et des projets immédiats.

La loi de la réforme de l'Université de São Paulo a été signée par le Gouverneur de l'État il y a quelques jours. Les musées ont finalement reçu un peu d'attention pour la première fois dans l'histoire de l'Université; il y a même tout un chapitre (deux articles assez longs) sur eux! Ils viennent juste après les "unités universitaires" (les Facultés) et jouissent d'une autonomie satisfaisante, bien que la nomination du directeur, dont le mandat est de 4 ans, et des 3 membres du Conseil d'Administration soit de la compétence exclusive du Recteur, qui peut choisir même des non-spécialistes.

Voici donc les 4 musées déjà prévus: Musée de Zoologie (celui dont Paulo Vanzolini était le directeur et qui appartenait au Département de l'Agriculture de l'État), Musée Paulista (historique), Musée d'Art Contemporain et Musée d'Archéologie et Ethnologie, que j'avais proposé. L'existence de celui-ci est donc assurée. Seulement la loi ne dit pas quels sont les secteurs qui doivent s'intégrer par le composant, car ceci revient au Règlement Général, dont le projet est actuellement en cours de discussion. Il serait si simple de rassembler tous les secteurs qui appartiennent au même domaine (Musée d'art et d'archéologie, Musée ethnographique "Elinio Ayrosa", département d'Anthropologie du Musée Paulista, Institut de Préhistoire) n'était-ce l'intervention de problèmes d'ordre personnel tout à fait injustifiables.

M. Eurípides Simões de Paula, Professeur d'Histoire ancienne et médiévale et ancien Directeur du Musée d'art et d'archéologie (1964-68) a pris aussi la direction intérimaire de l'Institut de Préhistoire lors de la mise en retraite forcée du directeur titulaire, l'année dernière. Cet institut, parfaitement inutile, s'occupe exclusivement d'archéologie brésilienne, doublant ainsi les fonctions du département d'Anthropologie du Musée Paulista. M. Simões de Paula, qui est un collectionneur de commissions, ne veut pas lâcher son dernier jouet: il a ainsi proposé la transformation de l'Institut en "Centre d'études préhistoriques", sans aucun rapport avec le Musée anthropologique. Je lui ai montré diplomatiquement l'absurdité de son plan et les dommages qu'il portait au Musée déjà créé par la loi. Bien qu'incapable de se fonder sur quoi que ce soit, il tient toujours à son idée. J'ai donc cherché le Recteur et plusieurs membres du Conseil de l'Université. Ayant trouvé l'occasion favorable, je leur ai exposé les buts de ce Musée d'Archéologie et d'Ethnologie en soulignant quelques idées que vous m'aviez suggérées en 1968: ce musée ne pourrait envisager en profondeur les problèmes anthropologiques de l'homme brésilien (son rôle premier) qu'en tenant compte de trois lignes de mire: l'héritage méditerranéen, l'héritage américain, l'héritage africain; d'où l'avantage de rassembler toute l'activité ayant trait à l'archéologie — qu'elle soit grecque, brésilienne ou péruvienne — et à l'ethnographie. Je leur ai dit aussi qu'un tel projet pourrait obtenir de l'ICOM un soutien officiel, pour que des demandes de sub-

CIDADE UNIVERSITÁRIA - CAIXA POSTAL 251 - SÃO PAULO



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ventions soient adressées à des fondations internationales, telles Quibbenkian, Ford, Fullbright etc., en vue de la construction d'un bâtiment spécial sur le terrain qui nous a été réservé au campus. Je crois que ces arguments ont fait impression sur eux. Néanmoins, le jeu des forces à l'Université n'est pas toujours celui de la logique. Si vous n'y voyez pas d'inconvénient, je pense qu'une lettre de vous au Recteur (Prof. Dr. Miguel Realde, Magnifico Reitor da Universidade de São Paulo, Caixa Postal - São Paulo) à propos de l'appui mentionné ci-dessus et de l'intérêt à rassembler tous les 4 secteurs, serait bien utile à la cause du nouveau Musée.

L'exposition d'art nègre que nous avons organisée en collaboration avec l'IFAN-Dakar (vous avez dû recevoir le catalogue) nous a coûté un grand effort et une somme qui dépassait largement les possibilités budgétaires du Musée, mais elle commence déjà à porter des fruits. En plus de la bonne réceptivité du public en général il faudrait signaler la visite du Recteur et de quelques "autorités universitaires", qui ont eu l'occasion d'entrevoir le rôle que pourrait jouer un secteur permanent d'art africain. Le Musée a été invité à faire présenter cette exposition à Brasília, au Congrès National lors des commémorations du dixième anniversaire de la ville. D'autre part, La Société des amis du Musée (qui existe depuis le mois d'août) doit m'accorder US\$500,00 pour l'achat de pièces ethnographiques brésiliennes, en vue des échanges avec Dakar. C'est M. Bodiel Thiam, que vous connaissez peut-être et qui est venu du Sénégal pour aider au montage de l'exposition, qui doit s'occuper de cette affaire à son retour.

Le séjour de Mlle. Odion parmi nous a été court mais utile. Elle serait disposée à revenir encore cette année (vers le mois de septembre?), de même que Singleton ou quelqu'un de son choix, pour quelque chose de plus long et plus articulé. Je vous parlerai plus tard de ces projets.

Zanini vous aura parlé du I Ve. Colloque de l'Association des Musées d'Art du Brésil lors de son voyage à Paris, je suppose. Ci-joint vous trouverez un essai de traduction de notre "Charte de Principes". J'ai rédigé ce texte en pensant à des problèmes bien concrets et typiquement brésiliens, d'où la couleur locale de certaines affirmations. Le texte a été approuvé à Florianópolis, ensuite revu, l'an dernier, à Belo Horizonte. On tâchera de l'améliorer cette année à Curitiba, quand on discutera sur le musée d'art et le public.

J'ai expédié le n° V de Dédalo (où il y a votre rapport de mission en Amérique Latine) à plusieurs pays latino-américains et à Bairro Oleiro. Le n° VI, sous presse, aura la traduction de quelques documents du Congrès de Cologne et Munich. Quant aux nouvelles mes des musées latino-américains, j'attends toujours un mot de Vásquez. Je lui ai écrit de nouveau, avec le même résultat... (on dirait un brésilien...).

Je renouvelle mes vœux pour la nouvelle année. Que votre vie personnelle et professionnelle réponde à vos souhaits.

Bien amicalement,

Ulpiano T. Bezerra de Menezes

CIDADE UNVERSITÁRIA - CAIXA POSTAL - 811 - SÃO PAULO
8105

Essas dissonâncias cognitivas têm sido uma constante neste longo processo que deu origem a esta nova estrutura institucional voltada à Arqueologia e Etnologia. Em 1989, docentes do antigo MAE/USP manifestaram-se contrários à proposta indicada no relatório já mencionado.

Tal manifestação causou reação do citado coordenador do relatório, e em correspondência³⁶ à Reitoria, datada de 18.05.89, reage afirmando...

“Os subscritores alegam que o MAE tem os seus objetivos definidos em torno do estudo de coleções arqueológicas e etnológicas das áreas fundamentais para o conhecimento antropológico do homem brasileiro, através de suas heranças mediterrânea e médio oriental, pré-colombiana e africana, o que está homologado por dispositivo no Regimento Interno redigido em 1985 e (não há porque esquecer) teve sua primeira formulação retórica em 1969. Ora, antes dos subscritores, foi a própria Comissão que afirmou ter o MAE apresentado propósitos definidos. O problema não está sem declaração de intenções ou enunciados regimentais, mas, como consta do relatório, na incapacidade de realizar satisfatoriamente os objetivos colocados como essenciais. Basta lembrar que, se o MAE tivesse, de fato, realizado tais objetivos, teria sido o paladino da integração das instituições congêneres, pois não é absolutamente possível dar conta, antropológicamente, desse “homem brasileiro” e

(36) Correspondência pertencente ao arquivo MAE/USP

dessas “heranças”, por intermédio de ações individuais, mantida a atual fragmentação”.

Durante os três anos que separaram a elaboração do mencionado relatório e a resolução da Reitoria, consolidando a fusão, diversos documentos semelhantes foram trocados entre os atores deste privilegiado momento para a história dos museus de Arqueologia no Brasil.

É importante salientar que a citação acima apresentada indica, também, dois aspectos interessantes a serem observados:

- a realidade museológica é infinitamente mais complexa do que pode ser registrado em documentos institucionais formais.
- a confirmação de que o conceito que foi definido para o novo MAE - a formação cultural do homem brasileiro - já pertencia à antiga instituição homônima, mas ainda não havia sido implementado totalmente.

Aliás, deve ser registrado que a autoria desse conceito pertence a Hugues de Varine Bohan, conforme documento³⁷ já apresentado neste trabalho e que vale a pena reiterar... “en soulignant quelques idées que vous m’aviez suggérées en 1968: ce musée ne pourrait envisager en profondeur les problèmes anthropologiques de l’homme brésilien (son rôle premier) qu’en tenant compte de trois lignes de mire: l’héritage méditerranéen, l’héritage américain, l’héritage africain”.

Essas visões distintas e particularizadas nas quatro diferentes unidades científicas envolvidas revelam, também, outro aspecto intrigante da área museológica, ou seja: os museus

(37) Trecho da carta de Meneses para Varine Bohan de 20.01.70.

contemporâneos são genuinamente instituições interdisciplinares, pois não há outro caminho viável para a consecução das tarefas curatoriais. Entretanto, nenhuma formação acadêmica das áreas envolvidas tem dado conta desse desafio, especialmente a formação em Arqueologia, desenvolvida nos diferentes centros deste país, como já foi apontado neste trabalho.

As definições sobre instituições museológicas explicitam que estas devem ser organismos voltados “para os outros” e muitas vezes, em função da área de conhecimento, são instituições que desenvolvem seus processos técnico-científicos “sobre os outros”, mas com dificuldades de entender e promover os trabalhos coletivos.

As manifestações aqui transcritas mostram, acima de tudo, as idéias e mentalidades que têm norteado a construção da memória desta instituição.

Ao longo deste tempo, este novo museu já alterou diversas vezes a sua estrutura, o seu organograma, e vem tentando traçar um perfil próprio de pesquisa, docência e extroversão do conhecimento.

Entretanto, pouca atenção tem sido dada a duas questões básicas:

- 1) como constituir um processo museológico levando-se em consideração que ele não nasceu de decisões internas e que o seu surgimento representou, também, rupturas drásticas em quatro distintos processos anteriores.
- 2) como implantar uma dinâmica processual que contemple a consecução de todos os itens apresentados na definição de curadoria museológica universitária.

Enfrentar essas duas questões implica em desafios muito maiores do que simplesmente conceber organogramas, estabelecer planos de trabalho, ou mesmo dar continuidade a projetos de pesquisa já organizados. Trata-se de tarefa infinitamente mais complexa que diz respeito:

- a) às esferas de preservação das memórias e da manipulação das tradições;
- b) às questões inerentes à evolução que as diferentes áreas de conhecimento têm sofrido, acarretando caminhos distintos para a formação e desempenho profissionais dentro de museus.

A unificação desses acervos e equipes de trabalho trouxe à esta nova instituição heranças teórico-metodológicas muito diferentes em relação ao exercício científico da Arqueologia e Etnologia e reflexão localizada a respeito da Museologia, enquanto disciplina aplicada.

Cabe destacar que as antigas instituições tiveram suas histórias marcadas por raras confluências de interesse científico. Ao contrário, as divergências foram muito mais evidentes, apesar de atuarem no mesmo campo de pesquisa e estarem vinculadas à mesma universidade.

É importante sublinhar que nenhuma das quatro unidades trouxe, para este novo processo, um perfil definido, por exemplo, sobre política curatorial científica, ou mesmo uma experiência institucional vivenciada em edifício tecnicamente adequado a museu. A problemática que envolve a documentação e conservação das coleções também não estava solucionada.

Com isso, chamo a atenção para o fato de que, além das já mencionadas dissonâncias cognitivas em relação à idéia da

fusão, as instituições envolvidas chegaram com problemas museais básicos.

Os setores de Arqueologia e Etnologia do Museu Paulista trouxeram à fusão a sua contribuição quase centenária de museu científico - que já havia passado por inúmeras transformações e rearticulações - e as suas enormes e valiosas coleções. É importante reiterar, neste momento do trabalho, que a origem das pesquisas do Projeto Paranapanema, no final da década de 60, corresponde à fase de singular importância para a afirmação desta instituição na área arqueológica. Na opinião de Elias (1984, p. 13), “nos últimos anos intensificaram-se as atividades de pesquisa nas áreas de Arqueologia e Etnologia. O Museu Paulista, através de seus pesquisadores, vem contribuindo de modo decisivo na formação acadêmica de pesquisadores, com trabalhos que são aproveitados a nível de mestrado e doutorado... Seu acervo permanece amplo e excessivamente aberto, em face das posturas atuais sobre museus. E a variedade de áreas de estudos, que indicam o campo de interesse de suas diversas direções, se, por um lado, confere-lhe um estatuto de Instituto, com ampla gama de estudos humanísticos (Arqueologia, Etnologia, História e Geografia), por outro lado, dificulta uma melhor orientação para o seu próprio futuro”.

Com estas palavras, a autora revela, com muita precisão, o dilema que o novo MAE recebeu como herança das antigas instituições, ou seja: iludir-se com a perspectiva de ser um instituto de pesquisa e com isso prejudicar o desenvolvimento de suas atribuições museológicas.

Esta ilusão, que não é uma peculiaridade do MAE, mas como já foi assinalado neste trabalho, corresponde a um direcionamento equivocado das instituições arqueológicas deste país,

pode ser encarada como uma das distorções que, historicamente, esses museus não têm conseguido superar.

O Instituto de Pré-História trouxe para esta nova instituição a sua trajetória traumática, calcada em sucessivas rupturas dos seus processos de pesquisa³⁸, mas também legou a idéia de que o trabalho arqueológico está apoiado em três bases, a saber: preservação patrimonial, pesquisa e transmissão do conhecimento por meio do ensino e atividades museológicas. É preciso ressaltar que esta instituição soube imprimir um modelar perfil aos trabalhos de laboratório científico³⁹: tratando-os de forma sistemática e dentro dos princípios curatoriais já expressos, essa dinâmica mostrou-se eficiente, tanto para a produção de conhecimento, quanto para a extroversão.

Este Instituto, à época da fusão, já registrava também, um consolidado processo museal (Bruno, 1984) apoiado em comunicação e educação museológicas.

O então Museu de Arqueologia e Etnologia ofereceu, à nova instituição, uma sólida atuação em pesquisa referente à cultura material, estreitamente vinculada à especificidade da produção de conhecimento a partir dos museus. As atividades científicas da Profa. Dra. Haiganuch Sarian e da equipe que atuou sob sua orientação comprovam essa afirmação, no que diz respeito aos estudos da área mediterrânea e médio oriental na antiguidade.

No momento da fusão, essa instituição também desenvolvia experiências educativas apoiadas no objeto enquanto instrumentalização do conhecimento (HIRATA et alli, 1989).

(38) esta afirmação diz respeito às subseqüentes e abruptas transformações que a instituição sofreu em reduzido período, a saber: 1962 - saída das arqueólogas Luciana Pallestrini, Niède Guidon e Silvia Maranca; 1969 - saída de Paulo Duarte, seu diretor e em 1985 - saída dos docentes Solange Caldarelli e Walter Alves Neves, todos nomes representativos da pesquisa neste país.

O Acervo Plinio Ayrosa transferiu para o novo MAE, além de suas valiosas coleções, a realidade de departamento de ensino. Aliás, experiência pouco vivenciada pelas outras três unidades, o que as tornaram sempre muito vulneráveis no âmbito universitário.

Este acervo tinha sido alvo, também, de adequada organização em Reserva Técnica e de projetos expositivos extra-muros.

Extraindo-se desta complexa conjugação apenas as experiências relativas à pesquisa e comunicação referentes à Arqueologia, é possível entender que o antigo MAE era um representante típico de um “museu arqueológico-artístico”, enquanto o IPH e MP tinham as suas tradições apoiadas na configuração do “museu arqueológico-tecnológico.” Acrescente-se, ainda, a essas diferentes realidades a inexistência de relações programáticas entre Arqueologia e Etnologia.

Os processos museológicos expositivos e educativos também seguiam caminhos distintos, consolidando sua relação com o público a partir de diferentes patamares.

Essas quatro “partes” que compuseram o novo MAE, chegaram à fusão trazendo seus próprios problemas. Por um lado ligados à falta de pesquisadores para diversos setores do acervo e com pouca familiaridade com a docência e, por outro lado, as discrepantes concepções sobre os discursos expositivos e estratégias pedagógicas, somadas às distintas organizações das coleções.

A partir deste breve enunciado, que indica alguns aspectos inerentes à fusão, é fundamental destacar que ela significou o encontro, o confronto, ou mesmo a indiferença e o desprezo em relação a memórias profissionais muito particulares. Neste quadro, o

(39) A implantação exemplar desse processo de trabalho deve ser creditada à Sílvia Cristina Piedade.

fato de trabalharem com Arqueologia e Etnologia em Museu passa a ser um mero detalhe, pois o fizeram por meio de distintos processos, gerando experiências institucionais e tradições profissionais absolutamente diferentes.

É possível verificar que o processo de fusão negligenciou essas questões. Não deu a devida importância à necessária preservação das “memórias” para que o “novo” pudesse surgir com bases sólidas. Neste sentido, fica evidente que a consolidação das novas estruturas levou um tempo maior, mas imprescindível, para a superação dos impactos causados pelas rupturas vivenciadas no momento da fusão. Também será necessário encontrar o caminho para o estabelecimento do processo curatorial adequado a este museu universitário.

A análise dos documentos produzidos pelas áreas de Arqueologia e Etnologia do MAE sobre suas linhas de pesquisa, indica que este novo museu tem sua principal preocupação centrada no estudo dos fenômenos que se relacionam nas sociedades que são representadas pelos diversos segmentos do acervo. Estudos específicos sobre formas de subsistência, estruturas econômicas, tecnologias, organizações sociais e políticas, manifestações religiosas e artísticas têm subsidiado o conhecimento produzido pelos pesquisadores da instituição.

Tendo como suporte ou ponto de partida esses fenômenos materializados (priorizando estudos de cultura material), as investigações em Arqueologia e Etnologia têm procurado elucidar a articulação das diversas facetas das sociedades, suas transformações e resistências, contribuindo para a compreensão dos processos culturais ocorridos na América, África, Mediterrâneo e Médio Oriente.

Deve-se ressaltar que os acervos das respectivas áreas geográficas, acima elencadas, apresentam lacunas do ponto de vista

temporal, de representatividade de muitos grupos humanos e, mais ainda, evidenciam ausências marcantes de muitos elementos relacionados às distintas dimensões da organização humana.

Pode-se considerar, também, que as coleções já constituídas (pelos mais diferentes critérios) raramente serão alteradas, com a evidente exceção daquelas provenientes das pesquisas arqueológicas realizadas no Brasil. Por outro lado, constata-se que em sua maioria, os pesquisadores (arqueólogos e etnólogos) que constituem o corpo científico do MAE não estiveram vinculados aos processos de coleta das referidas coleções. Muitos, inclusive, não concentram seus estudos na cultura material.

Este perfil, que hoje configura a produção de conhecimento desta instituição, implica em uma série de fatores que estruturam os diversos segmentos dos trabalhos curatoriais, técnicos e científicos, no que tange à conservação, documentação, exposição e educação.

Mais ou menos próximos das coleções e respectivos acervos, os projetos de pesquisa que já estavam em andamento antes da fusão, não sofreram alterações nos seus itinerários e, pode-se afirmar, inclusive, que as alternativas já vivenciadas de novas estruturas não impuseram vinculações teórico-metodológicas diferentes das que já estavam em curso.

Se por um lado, a curto prazo, não é visível a perspectiva de mudanças e redefinições científicas e acréscimos gerais ao acervo; por outro lado, a dispersão da área de abrangência técnico-científica da Museologia, em diversos setores da instituição, tem acarretado grandes dificuldades na configuração deste novo perfil museológico.

O isolamento das responsabilidades curatoriais, em distintos processos de conservação, documentação, exposição e

educação, torna mais longo e assimétrico um caminho que poderia ser linear.

Cabe ressaltar que nestas áreas do museu as resistências às mudanças também existem, fazendo com que muitos processos museológicos continuem atrelados às suas antigas realidades.

As citadas dissonâncias cognitivas, que são responsáveis por várias compreensões sobre o perfil desta instituição, corresponde a dois fatores básicos:

a) exigência de trabalho conjunto entre diversas gerações de profissionais com formações distintas, onde o conhecimento sobre museus tem naturezas diferentes ou mesmo é inexistente;

b) a imperativa preservação das histórias institucionais pregressas como um indicador de identidade profissional.

1.1. CONCEITO MUSEOLÓGICO: A INSERÇÃO DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS DO PROJETO PARANAPANEMA NO ÂMBITO DO PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO DO MAE/USP.

O caminho para a superação dos impasses de um museu tradicional como o MAE, conforme o perfil anteriormente traçado, deve estar apoiado (quadro 1):

- 1º) Em um **planejamento estratégico** que oriente a aproximação entre as diferentes histórias institucionais, por meio da definição de uma política de acervo, traçada a partir do próprio estudo das coleções existentes e dos problemas

científicos inspirados pelas mesmas. Além de uma convivência metodológica entre as áreas de Arqueologia e Etnologia, deve ser prevista a problematização de hipóteses comuns em relação às três grandes áreas culturais cobertas pelo acervo institucional.

2º) No **gerenciamento da informação**, por intermédio da preservação dos indicadores das memórias precedentes e da organização, controle e armazenamento dos diferentes tipos de documentos que estão sendo produzidos no presente. Trata-se da realização de um **diagnóstico** sobre todos os meios de informação reunidos e/ou produzidos nas antigas instituições: das coleções às distintas formas de registro científico. A análise subsequente deve conduzir a três caminhos para serem percorridos concomitantemente, a saber:

a) Elaboração de critérios (de documentação e conservação) para organização da **Reserva Técnica**, com a finalidade de abrigar as coleções arqueológicas e etnográficas. Cabe destacar que a realidade do MAE, com a responsabilidade de proceder à salvaguarda de mais de 100.000 objetos (segundo algumas estimativas) e com a peculiaridade de manter certos tipos de vestígios arqueológicos, impõe a necessidade de estruturar, também, um **Depósito de Pesquisa**. Esta infra-estrutura aplica-se, especialmente, aos conjuntos de artefatos e outros vestígios referentes ao

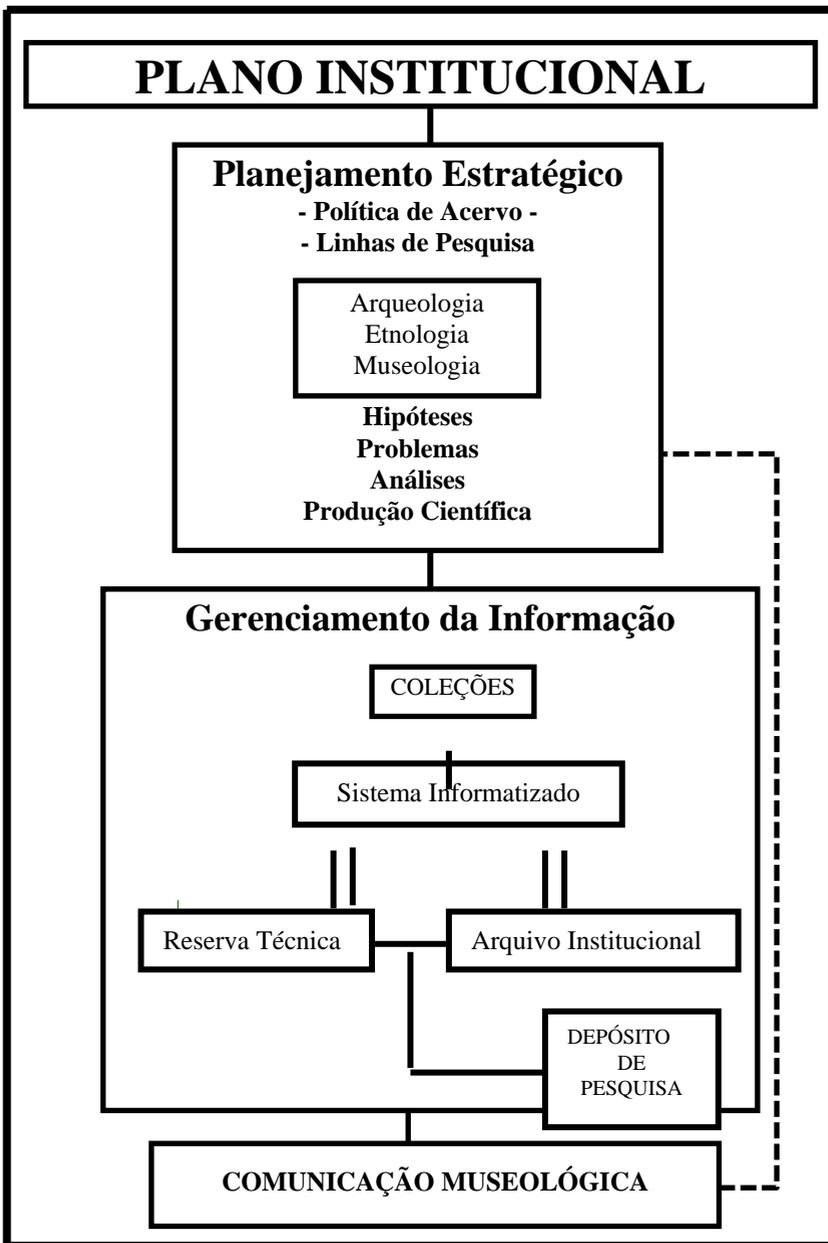
período pré-colonial brasileiro. Assim sendo, a Reserva Técnica seria o espaço adequado para o armazenamento das coleções inseridas no processo curatorial da instituição.

b) Organização do **Arquivo Institucional**, a partir da guarda dos documentos escritos, fotográficos, fonográficos e videográficos, vinculados à história do museu e dos seus projetos científico-culturais.

c) Implantação de um **Sistema Informatizado** para o armazenamento da informação e controle do seu fluxo. É preciso salientar que o perfil patrimonial do MAE implica na construção de um sistema, cuja célula básica deve estar apoiada no conceito de coleção.⁴⁰

3º) No estabelecimento de um **Programa de Comunicação Museológica** capaz de viabilizar a extroversão sistemática do conhecimento produzido nesta instituição e do acervo que está sob sua guarda, atendendo às diferentes expectativas do público.

(40) O conceito de coleção aplicável ao MAE deve ser elaborado a partir da arbitragem dos diferentes conceitos, até então em prática nas antigas instituições.



(Quadro 1)

A intenção de apresentar este modelo de musealização deve ser entendida a partir da constatação de que a divulgação e socialização das pesquisas arqueológicas - mesmo aquelas que são sistemáticas há mais de vinte anos e já produziram um significativo acervo - em um museu tradicional, correm o risco de se perder pela falta de planejamento institucional.

Neste sentido, não é difícil verificar que o acervo constituído pelas pesquisas do Projeto Paranapanema pode, também, ser esquecido na Reserva Técnica, para que uma próxima geração conclua que são objetos “sem procedência”, ou mesmo que esta divulgação continue restrita a um grupo de iniciados na literatura especializada.

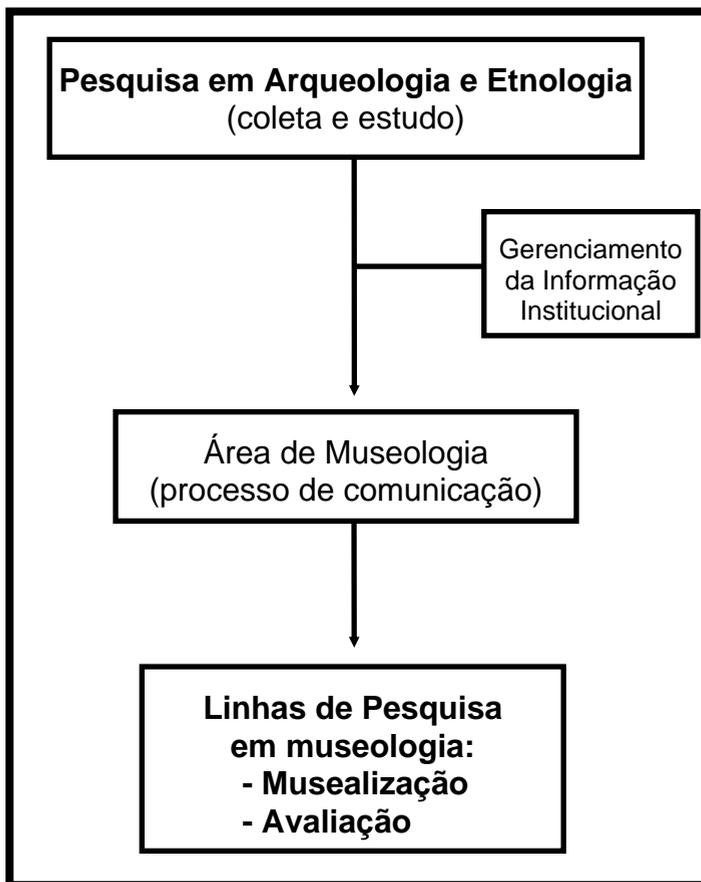
O patrimônio intelectual e as coleções provenientes das referidas pesquisas arqueológicas são de responsabilidade do MAE e, evidentemente, a sua salvaguarda e comunicação concorrem com outros projetos e outros segmentos do acervo que também necessitam da atenção institucional.

Ao mesmo tempo, é bastante comum, nos dias hoje, a implantação de **sistemas** para a organização e controle das pesquisas e do gerenciamento do acervo - com vistas à eficiência institucional - devendo-se, portanto, planejar o mesmo para os processos de comunicação.

Considerando essa realidade institucional e compreendendo que a Museologia é uma disciplina aplicada, e que no âmbito do Serviço de Museologia (1992 a 1995) e da Divisão de Difusão Cultural (1995), deve estar voltada para o fomento do processo de comunicação, a pesquisa museológica, nesta nova instituição, prioriza três caminhos de investigação (quadro 2):

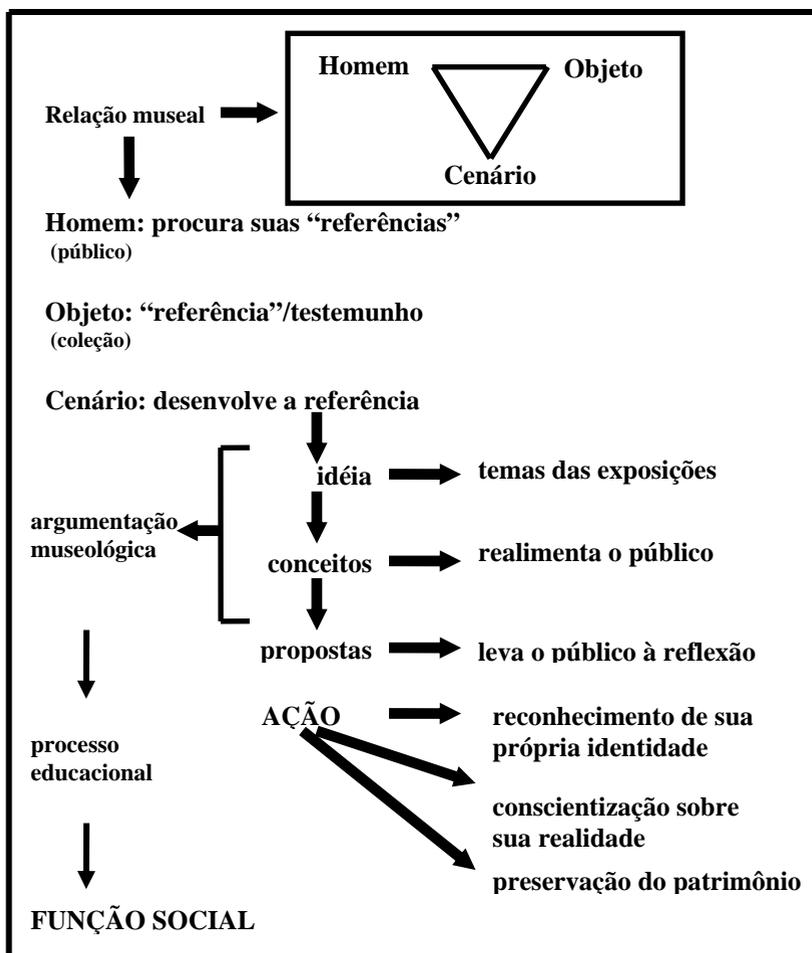
- 1) **pesquisa conceitual e/ou musealização:** experimentações sobre o enfoque dado a um tema; com os respectivos recortes inseridos em um universo científico (Arqueologia e Etnologia), baseadas em acervos de América, África, Mediterrâneo e Oriente Médio e dirigidas para um público, a partir da identificação de seu perfil.
- 2) **pesquisa da mídia e/ou recursos museográficos:** experimentações do tema e seus desdobramentos visuais, olfativos, sonoros, táteis, sua inserção no espaço e seus efeitos cênicos (do mobiliário à linguagem de apoio).
- 3) **pesquisa sobre o público e/ou avaliação:** experimentações de processos avaliatórios que possam resgatar a reação do visitante padrão, incorporar suas respostas nos próprios projetos expositivos, reorientando-os para o aprimoramento do processo de extroversão e desencadeando mecanismos para atrair novos públicos.

Os momentos de pesquisa 1º e 3º incidem no segundo que, por sua vez, é a base dos experimentos. Desta forma o Programa Técnico-Científico de Museologia (Bruno, 1992) estabelece duas linhas de pesquisa, a saber: **MUSEALIZAÇÃO E AVALIAÇÃO.**



(Quadro 2)

Esta proposta, em um primeiro momento, pretende contribuir para a configuração do novo MAE e, em um segundo momento, tem a intenção de produzir os elementos básicos para que o MAE se transforme em um **museu de sociedade** (VAILLANT, 1993), ou seja: que traduza para o grande público as manifestações, transformações e rupturas sócio-culturais relativas ao acervo que está sob sua guarda e defina - com ele - os seus caminhos institucionais, procurando atender às suas expectativas (Quadro 3).



(Quadro 3)

A partir da análise da trajetória da implantação do novo MAE, este **modelo museológico** está amparado nos seguintes princípios:

- 1) Desenvolver processos museológicos (expositivos) levando em consideração a história das antigas instituições e, com a preservação destas memórias, construir um novo perfil museal cuja identidade recairá justamente nos indicadores preservados;
- 2) Valorizar as coleções, a partir de suas diferentes configurações institucionais e desta forma contribuir para a construção de um conceito sobre coleção adequado ao novo MAE;
- 3) Estabelecer processos expositivos gerais, panorâmicos e sintéticos sobre as sociedades que têm sido alvo dos mais diferentes estudos pelos pesquisadores da instituição. Com isso, pretende-se o gradual distanciamento dos restritos campos de análise e a possível composição com outros campos e mesmo o conhecimento dos diferentes métodos de trabalho e perfis das demais coleções;
- 4) Desenvolver abordagens temáticas a partir de indicações das áreas científicas de Arqueologia e Etnologia, evidenciando de maneira pormenorizada os métodos e técnicas utilizados nos diferentes projetos científicos, bem como as respectivas abrangências e relações com as coleções do MAE. Entretanto, espera-se que as indicações temáticas individuais, gradativamente, possam ser coletivas, vinculando a Arqueologia e

Etnologia ou mesmo as áreas de estudo: América, África, Mediterrâneo e Médio Oriente;

- 5) Implantar um processo de comunicação a partir das mostras de longa duração com conceitos básicos, tanto sobre as sociedades em estudo, quanto sobre os métodos utilizados nesses referidos estudos. Este processo deve ser completado, sistematicamente, por mostras temporárias que devem dialogar conceitualmente e museograficamente com as anteriormente mencionadas;
- 6) Valer-se das avaliações museológico-museográficas realizadas pelas antigas instituições;
- 7) Encarar todas as atividades desse processo como experiências museológicas, procurando avaliá-las e sistematizar as análises na busca dos caminhos já apontados pela bibliografia, que indicam o compromisso dos Museus com a Museologia e, neste sentido, com a consolidação dos fenômenos museais tradicionais;
- 8) Desenvolver metodologia de trabalho que não só contribua para a estruturação da área de Museologia, no âmbito da Divisão de Difusão Cultural, mas amenize as distâncias impostas pela estrutura da instituição, entre esta área e os demais campos do tratamento museológico;
- 9) Implantar um Banco de Dados de Comunicação Museológica com o objetivo de organizar os procedimentos técnicos e preservar a memória dos

experimentos museológicos, para realimentá-los conceitualmente e museograficamente;

- 10) Incrementar as experiências extra-muros com o objetivo de desenvolver processos museais amparados nos conceitos da Nova Museologia.

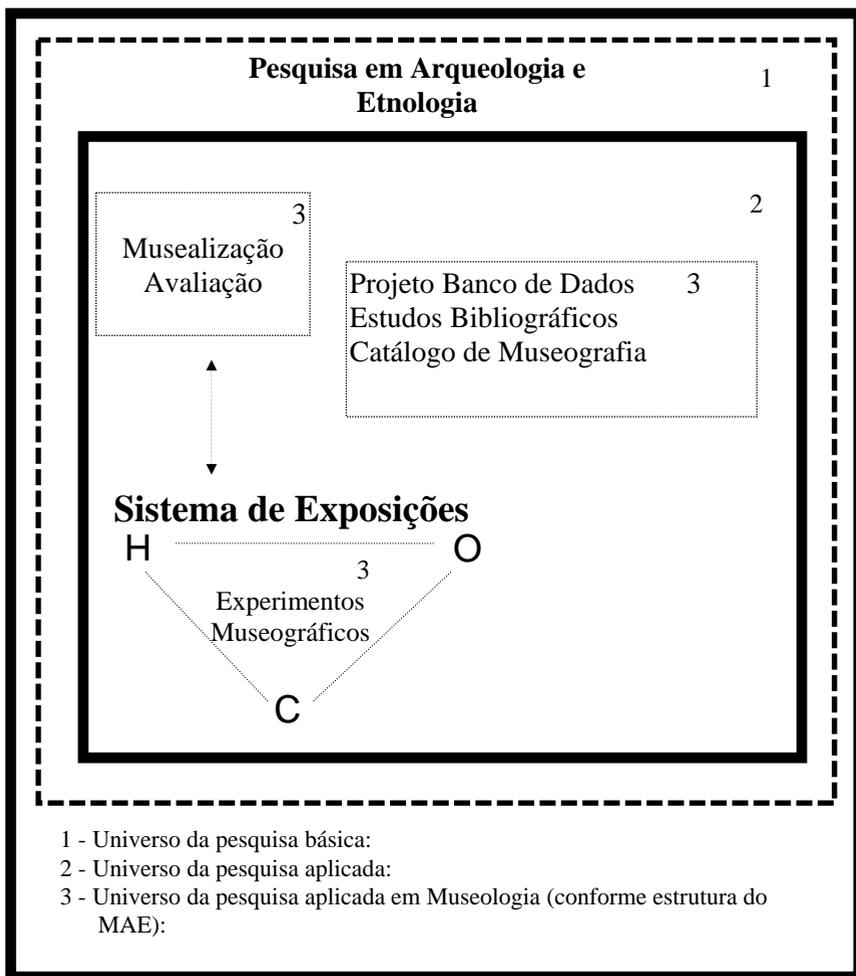
Os princípios acima mencionados serão aplicados ao longo do desenvolvimento do PROGRAMA TÉCNICO-CIENTÍFICO DE MUSEOLOGIA, mas também estão vinculados à **Musealização do Projeto Paranapanema**.

Nos outros modelos museológicos que estão sendo propostos para este programa de pesquisas arqueológicas, as preocupações estão centradas totalmente na musealização do citado programa. Neste, ora apresentado, a preocupação volta-se para a seguinte orientação, a saber: como manter o equilíbrio em um processo museal institucional (com o perfil do MAE/USP), sem valorizar certos segmentos em detrimento de outros. Como superar os impasses dos museus tradicionais.

2ª PARTE: METODOLOGIA DE TRABALHO: A PEDAGOGIA MUSEOLÓGICA

O Programa Técnico-Científico de Museologia, anteriormente mencionado, está estruturado em três níveis (Quadro 4):

- 1) Programa de Comunicação Museológica;
- 2) Programa de Formação Profissional;
- 3) Programa de Estudos Bibliográficos.



(Quadro 4)

Nesta oportunidade, será focado apenas o primeiro programa que está voltado para:

- a) a organização de um Sistema de Exposições;
- b) a estruturação de um Banco de Dados de Museologia e
- c) a implementação de Processos Avaliatórios.

2.1. PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA

Os projetos expositivos estão sendo concebidos com os objetivos de discutir os problemas relacionados às sociedades estudadas pelos arqueólogos e/ou etnólogos e potencializar ao máximo o caráter informativo das coleções, buscando corresponder cada vez mais às necessidades e expectativas dos diferentes tipos de público. A configuração de um trabalho sistêmico de exposições apoia-se nas seguintes bases:

- 1) o compromisso do MAE - enquanto museu universitário - com a divulgação científica;
- 2) o perfil científico da instituição, a partir das considerações apresentadas anteriormente;
- 3) a disponibilidade espacial para a apresentação de discursos expositivos nas novas instalações;
- 4) a caracterização de uma hierarquia dinâmica, quanto aos conteúdos transmitidos, estabelecida entre as mostras de longa duração e temporárias;
- 5) a necessidade de desenvolver projetos extra-muros, acompanhando a própria dinâmica dos projetos de Arqueologia e Etnologia e intensificando o processo de comunicação museológica.

2.1.1. PROJETO BANCO DE DADOS

Trata-se da sistematização e armazenamento da memória referente às exposições de longa duração e temporárias, no que diz respeito aos temas escolhidos e aos respectivos enfoques conceituais ligados à Arqueologia e Etnologia. Da mesma forma, estão sendo preservados os documentos museográficos das diferentes montagens, referentes à planta-baixa, iluminação, climatização, mobiliário e linguagem de apoio. (Quadro 5).

A avaliação de cada experimento é parte significativa da organização deste Banco de Dados, na medida em que indica os caminhos para a comunicação museológica sistemática, procurando cada vez mais aprimorar os enfoques temáticos em relação às expectativas do público.

Este projeto teve seu início, em 1990, marcado pelo levantamento realizado pelo então Serviço de Museologia, junto aos arqueólogos e etnólogos, sobre os principais temas a serem musealizados. Em seguida, foi realizado um primeiro estudo visando à organização de um cronograma de exposições que estivesse, em um primeiro momento, vinculado aos compromissos dos projetos institucionais, tais como organização de cursos, publicação de livros ou mesmo a organização de eventos científicos. Em um segundo momento, o agendamento das exposições deveria seguir a proposta institucional que procura fazer das mostras temporárias projetos museológicos mais detalhados do ponto de vista da comunicação da pesquisa científica.

Tem sido possível realizar os experimentos museológicos previstos neste projeto e desta forma alimentar o Banco de Dados com elementos conceituais, com a respectiva documentação museográfica e as informações avaliatórias. Por

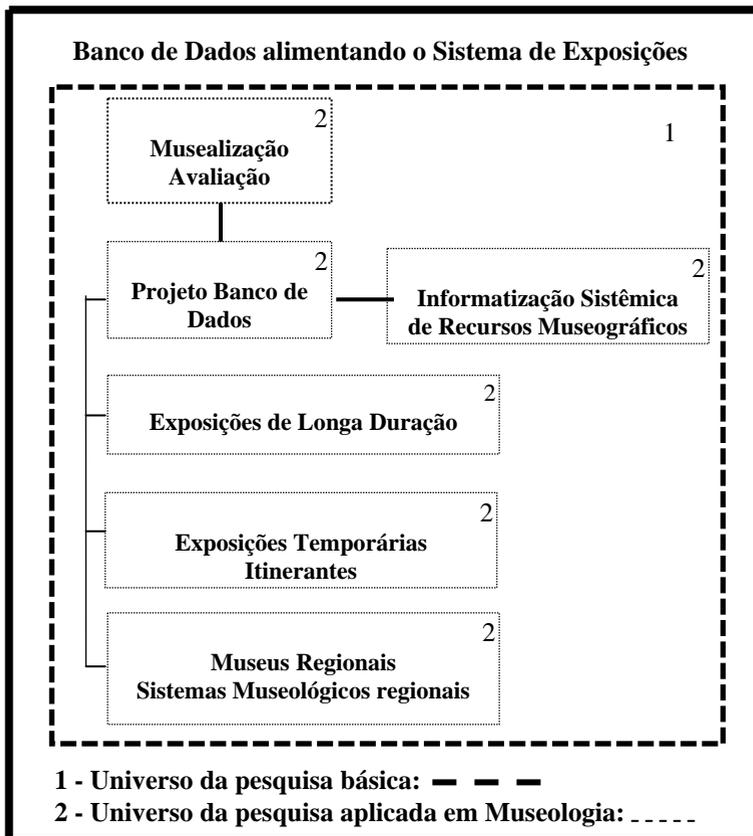
exemplo, as exposições temporárias “Índios do Brasil”, “Paulo Duarte: arqueologia de uma vida”, “Pré-História de São Paulo”, “Plumária Indígena Brasileira”, “Encontro de Culturas no Mediterrâneo Antigo”, se por um lado correspondem a eventos institucionais do MAE/USP, por outro lado, têm sido objeto de pesquisa museológica e têm contribuído para a organização deste Banco de Dados.

Estas experimentações têm sido complementadas com levantamento bibliográfico sobre exposições dessa natureza.

A concepção desse projeto e/ou seu desenvolvimento estão sustentados na elaboração e preenchimento de fichas de trabalho que darão a base para a informatização dos dados e imagens correspondentes.

Cabe ressaltar que o Projeto Banco de Dados sobre Comunicação Museológica tem dois objetivos principais, a saber:

- 1º- criar as bases para o desenvolvimento de pesquisa de natureza museológica e;
- 2º- desenvolver a pesquisa museológica a partir de metodologia que permita a necessária interdisciplinaridade nos museus.



(Quadro 5)

Este projeto articula-se a partir do seguinte desenvolvimento:

A) - **IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA:** Sistematização informatizada e armazenamento da memória referente às exposições temporárias.

1. organização da documentação primária de museografia (projeto, planta baixa, desenho de mobiliário, linguagem de apoio e material de divulgação).
2. organização da documentação fotográfica: catalogação das fotos/ slides e armazenamento.
3. organização dos processos avaliatórios das mostras temporárias.
4. organização do arquivo de documentos da imprensa (continuidade de processos já em curso).

B) - **ESTUDOS BIBLIOGRÁFICOS:** Identificação, leitura e análise de material bibliográfico relacionado a processos museológicos aplicados à Arqueologia e Etnologia.

1. leitura e fichamento dos artigos sobre exposições museológicas, inseridos em periódicos sobre Antropologia, Arqueologia, Etnologia, História.
 - análise temática sobre os artigos.
 - análise quantitativa sobre os temas enfocados.
2. leitura e fichamento dos artigos sobre processos museológicos, inseridos em periódicos sobre Museu e Museologia.
3. análise dos Fichamentos Bibliográficos.

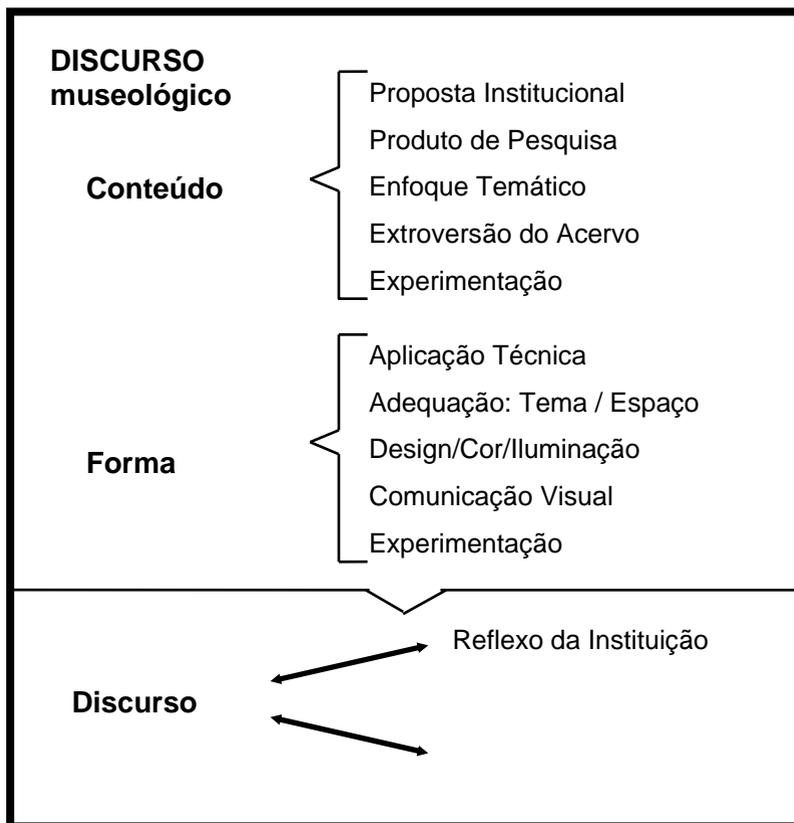
C) – PRODUTOS

1. implantação do Sistema Informatizado sobre Exposições de Arqueologia e Etnologia do MAE/USP.
2. estabelecimento do Banco de Dados sobre comunicação Museológica que dará a base para o desenvolvimento de pesquisas relacionadas à Musealização e Avaliação (linhas de pesquisa do Programa Técnico-Científico de Museologia).
3. realização de Seminários e cursos sobre os temas vinculados ao Banco de Dados.
4. elaboração de publicações sobre Comunicação Museológica.

2.1.2. PROJETO SISTEMA DE EXPOSIÇÕES

O desenvolvimento deste projeto deve consolidar os estudos museológicos a partir das linhas de pesquisa já mencionadas. Para tanto, todas as exposições estão sendo elaboradas, montadas e avaliadas, enquanto experimentos museológico-museográficos e alimentam a implementação do citado Programa Técnico-Científico (Quadro 6).

EXPOSIÇÕES: ESQUEMA BÁSICO



(Quadro 6)

EXPOSIÇÕES NA SEDE DO MAE: a elaboração de discursos institucionais.

As exposições desempenham um papel fundamental no que tange à extroversão do MAE. No momento em que este museu está ocupando um novo espaço no Campus Universitário (desde 1993), pode-se considerar que as possibilidades de comunicação aumentaram sensivelmente, pois este edifício - depois de plenamente reformado e adaptado - disporá de quatro espaços alternativos para apresentações de exposições:

- **Primeiro Espaço:** destinado às mostras de longa duração baseadas na comunicação dos conceitos fundamentais, referentes às problemáticas tratadas pelas áreas científicas, em suas pesquisas sobre a América, África, Mediterrâneo e Médio Oriente.

Este é o espaço, por excelência, vocacionado para apresentação de discursos expositivos panorâmicos, que tratem dos principais temas ligados às diferentes formas de manifestação e organização sócio-cultural representadas pelas coleções da instituição. Neste sentido, as linhas de pesquisa e os enfoques dos inúmeros projetos científicos do Museu, estão subliminarmente inseridos na elaboração do referido discurso.

A primeira experimentação, intitulada "*Formas de Humanidade*", tem como proposta temática a apresentação de um perfil sintético das sociedades que produziram as expressões materiais, que hoje estão reunidas no acervo da instituição. Esta exposição é dividida em três setores, a saber:

- **Setor A:** *Brasil Indígena*

. *módulo 1: Origens e Expansão das Sociedades indígenas*

. *módulo 2: Manifestações Sócio-Culturais Indígenas*

- **Setor B:** *África: culturas e sociedades*
- **Setor C:** *Mediterrâneo e Médio Oriente na Antiguidade*
 - . *módulo 1: Pré-História Européia*
 - . *módulo 2: Egito*
 - . *módulo 3: Mesopotâmia*
 - . *módulo 4: Grécia e Roma*

Nos três setores impõem-se a abordagem dos mesmos enfoques temáticos que, por sua vez, correspondem aos estudos fundamentais que estão em desenvolvimento na instituição. As diferentes formas de subsistência e organização econômica, as conquistas tecnológicas que norteiam a elaboração e transformação dos artefatos, as formas de celebrações sociais que marcam e diferenciam o cotidiano dos grupos humanos, as distintas formas de representação e de apropriação da natureza, estão na gênese da construção deste discurso expositivo; ao lado das expressões artísticas e ritualísticas. As noções de diversidade - para as coleções etnográficas - e temporalidade - para as coleções arqueológicas, se cruzam na diagramação espacial que orienta o circuito de visitação.

As preocupações que conduziram as discussões conceituais e a concepção museológico-museográfica desta exposição procuraram superar, sobretudo, as lacunas existentes no acervo e nas correspondentes linhas de pesquisa. Da mesma forma, esta narrativa museográfica está apoiada em códigos que estruturam a linguagem de apoio (etiquetas nominativas e ilustrativas, painéis ilustrativos e fotográficos, cenários, folhetos temáticos, mapas, etc).

Este esforço técnico-científico, que mescla conhecimentos arqueológicos, etnológicos e museológicos, está levando em consideração que ... "Le musée est la maison des objets des hommes, façonnés hier, aujourd'hui, ici ou ailleurs. Il abolit le Temps et l'Espace. A l'âge de éphémère et de la consommation, il

conserve, pour demain. Là résident sa singularité, son rôle et, son but. Mais ces irremplaçables collections d'objets originaux à deux ou trois dimensions sont aussi inutiles au visiteur qu'un livre entre les mains d'un illettré, si elles ne sont pas présentés de manière à être comprises ou aimées. De même qu'il faut savoir écuté clairement pour les lecteurs, les mots s'ordonant en phrase, de même les objets de musées s'articulent les uns avec les autres et prennent leur sens dans l'espace de salles que l'on parcourt comme on feuillette les pages d'un livre, celui de la création des hommes" (GIRAUDY, BOUILHET, 1977, p. 10).

O exercício coletivo necessário ao detalhamento temático, ao refinamento do enfoque conceitual, ao estabelecimento de idéias comuns, capaz de aproximar os três setores expositivos, já mencionados, encontrou barreiras naturais, no que diz respeito aos processos de aproximação e estranhamento pertinentes à trajetória da instituição. É evidente que a exposição aludida traduzirá implicitamente esta problemática.

Entretanto, este discurso museográfico - datado - demonstra, para um fruidor mais perspicaz, os limites e reciprocidades, não só entre as sociedades estudadas pelo MAE, mas, sobretudo, inerentes ao momento institucional.

- *Segundo Espaço*: destinado às mostras de longa duração baseadas na demonstração museográfica, referente aos processos técnico-científicos da Arqueologia, Etnologia e Museologia e os respectivos desdobramentos curatoriais específicos ao MAE. Trata-se de reservar um espaço para a fruição e reflexão sobre o funcionamento de um museu universitário, com o objetivo de despertar vocações, especialmente junto ao público infanto-juvenil.

Esta exposição, ainda em fase de elaboração, pretende apresentar, desvelar, demonstrar e divulgar os impasses da

interdisciplinaridade e da "edificação" de uma instituição museológica. A contextualização museográfica traduzirá os momentos fundamentais para a produção do conhecimento nas áreas de abrangência do MAE, por meio da reconstituição de cenários que ilustrarão as estratégias utilizadas em campo e laboratório. Por meio dos mesmos recursos, será apresentado o processo que conduz os objetos (coleções e acervos) porta adentro dos museus, pelas necessárias instâncias curatoriais, responsáveis pela análise, documentação e conservação. Este processo demarcará, também, os momentos de extroversão, por meio das exposições e ação-educativo-cultural.

- *Terceiro e Quarto Espaços*: indicados para os discursos expositivos temporários que devem verticalizar as temáticas científicas envolvidas nas exposições de longa duração. Por um lado, espera-se explicitar, com discursos expositivos de curta duração, os desdobramentos conceituais inseridos em "Formas de Humanidade". Por outro lado, pretende-se abordar sistematicamente as questões que envolvem os estudos específicos das coleções, do ponto de vista metodológico.

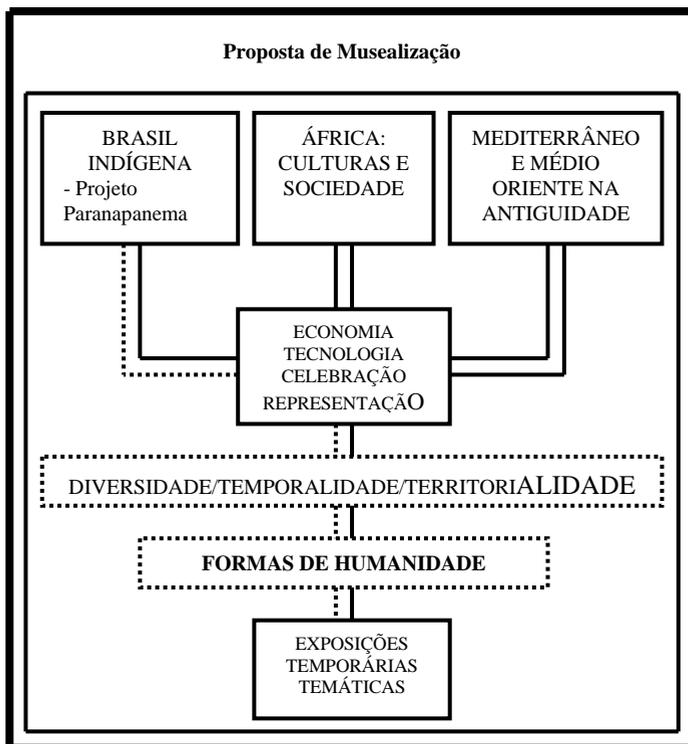
Estas exposições devem ser transformadas, periodicamente, em mostras itinerantes, com o objetivo de alargar o território de intervenção dos discursos museográficos do MAE e alcançar outros tipos de públicos, para cumprir a sua função social de museu universitário.

Os grupos humanos que ocuparam a região circundante ao Rio Paranapanema, no período pré-colonial, são alvo de atenção no setor "Brasil Indígena", da mostra "Formas de Humanidade". A abordagem das manifestações culturais dos Caçadores - Coletores e dos Horticultores, neste setor da exposição, corresponde - mesmo que indiretamente - à socialização do

conhecimento produzido por meio das pesquisas arqueológicas na região.

Deve ser sublinhado que as manifestações patrimoniais expressas nas coleções, referentes aos mencionados grupos humanos, devem partilhar o mesmo espaço expositivo com outras manifestações congêneres de grupos humanos que viveram em outro tempo e espaço. Da mesma forma, a divulgação temporária e verticalizada dos métodos e conteúdos que envolvem o Projeto Paranapanema, necessitam, também, de atenção.

O Programa de Comunicação Museológica do MAE/USP poderá, a médio prazo, contribuir para a difusão sistemática das questões arqueológicas inerentes à área cultural que é tema deste trabalho(Quadro 7).



(Quadro 7)

Finalmente, e não menos importante, é preciso salientar que os discursos expositivos vinculados ao mencionado programa de musealização, têm sido elaborados com explícita preocupação didática. Neste sentido, vale lembrar que o processo de fusão institucional ainda em curso desde 1989, reservou para o primeiro semestre do ano de 1995 mais uma mudança estrutural que, entre outros aspectos, garantiu a reaproximação evidente entre Museologia e Educação.

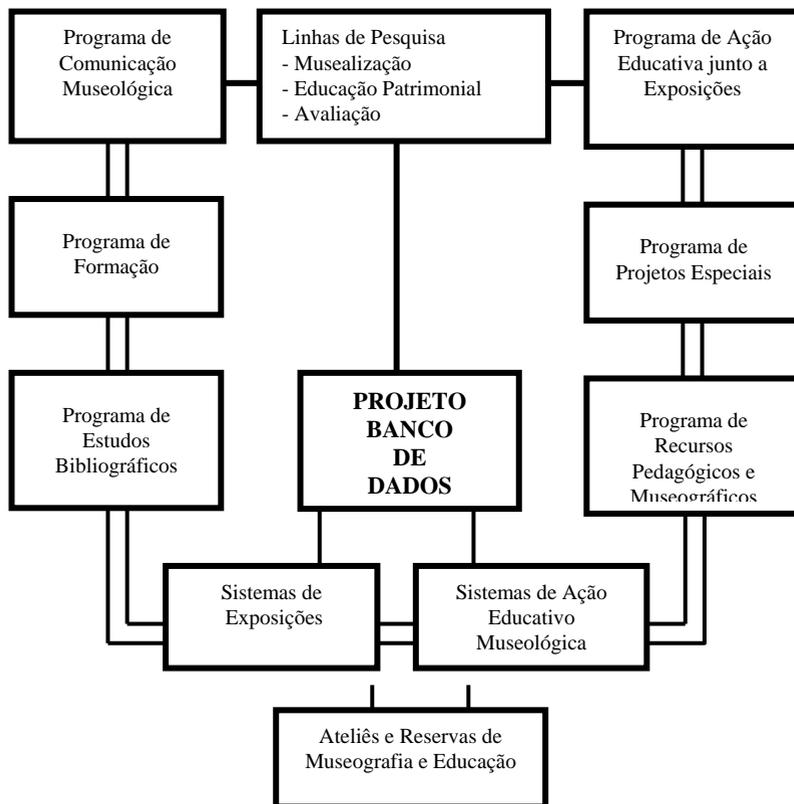
Esta nova estrutura coloca mais um desafio para a comunicação museológica, ou seja: além da rearticulação com os projetos educativos, este processo de socialização está inserido na área de Difusão Cultural.

Para tanto, já foi realizado um primeiro esforço de articulação, registrado no Plano Diretor Interno (1997) e que pode ser apreciado no quadro que relaciona os programas e estratégias de trabalho (Quadro 8).

Este novo panorama institucional potencializa as perspectivas de comunicação museológica, na medida em que vincula as duas possibilidades de apropriação das referências patrimoniais, a saber: por meio da semiologia dos objetos (tratamento expositivo) e da pedagogia dos objetos (tratamento educativo).

Considera-se, desta forma, que a recém instituída área de Difusão Cultural conta com estrutura, programas e estratégias adequados à implantação de um sólido processo de musealização.

Pesquisa Arqueológica e Etnográfica (acervo / informação)



(Quadro 8)

- este quadro foi elaborado a partir da análise dos projetos que estão em desenvolvimento no MAE/USP desde 1989 e sua estruturação contou com a participação dos técnicos Adriana M. Almeida, Camilo de Mello Vasconcellos e Judith Elazari.
- cabe mencionar que, em 1997, as linhas de pesquisa foram alteradas para : Expografia, Educação Patrimonial e Avaliação, considerando que musealização é a área que envolve as três linhas.

As pesquisas do Projeto Paranapanema estão embutidas, como já foi indicado, nas mostras de longa duração e são alvo específico de um dos Projetos Especiais (Quadro 9): "Museu da Cidade de Piraju".

Este, por sua vez, está contemplado no modelo apresentado a seguir.

As idéias e hipóteses inseridas neste modelo de musealização vêm sendo testadas em outras duas estruturas museológicas no país, a partir de propostas por mim apresentadas. Na Universidade Federal de Sergipe ⁴¹, Aracaju, a implantação do Museu Antropológico tem seguido a mesma orientação, ou seja: organizar o processo museológico a partir de uma visão sistêmica e hierárquica de comunicação expositiva. No Museu Paraense Emílio Goeldi ⁴², em Belém (Pará), esta hipótese foi apresentada para a redefinição do Departamento de Museologia no âmbito da Divisão de Difusão Científica.

(42) Este trabalho está sendo desenvolvido desde 1987, por meio de uma consultoria para implantação do referido museu. Neste sentido, já foi apresentado um projeto, que, metodologicamente, indicou o início do processo a partir de um Núcleo Museológico que está implementando mostras temporárias temáticas e, agora, já está apresentando a exposição básica intitulada: "O Homem de Sergipe - seu processo histórico, suas particularidades e perspectivas".

(43) Este trabalho foi desenvolvido de 1994 a 1996, por meio de uma consultoria para viabilizar a área de Museologia, por meio da estruturação orgânica dos projetos expositivos e educativos, como já foi explicitado neste trabalho.

MODELO 2

"MUSEU DA CIDADE DE PIRAJU"

- a integração das referências patrimoniais -

"...os homens constroem os templos para seus deuses, as fortalezas dos soldados, os palácios para seus reis, destinam parques às suas vitórias, constroem casas para sua família, zoológico para seus animais raros, os museus para seu patrimônio cultural"

Giraudy & Bouilhet (1977)

**Desenvolvimento da Proposta
(quadro referencial)**

Introdução: justificativas para o modelo

1ª Parte: Conceito Museológico: a musealização da cidade

- 1) O Patrimônio da Cidade
- 2) As Pessoas da Cidade
- 3) Os Espaços da Cidade

2ª Parte: Metodologia de Trabalho: a pedagogia museológica

- 1) Banco de Dados
- 2) Núcleos Museológicos Temáticos

Obs.: a descrição do modelo é apresentado a seguir

INTRODUÇÃO: JUSTIFICATIVAS PARA O MODELO

Em diversos países os grandes museus vêm modificando sua política cultural, repensando-se conceitualmente, sofrendo reformas quanto ao espaço arquitetônico e apresentação das coleções; como também os pequenos museus vêm experimentando novas estratégias para a aproximação com a população, procurando sustentar-se em uma atuação comunitária. Esses esforços, de natureza diferente, procuram fazer com que os museus superem o aspecto de "depósitos de objetos" e passem a servir à população.

Entre esses novos tipos de museus, surge o "Museu de Cidade", voltado para a preservação das estruturas, das referências e das formas de uma cidade. Esse modelo museológico procura ser o "local" privilegiado para a população encontrar as suas marcas patrimoniais e conhecer as suas tradições e rupturas culturais. É um museu para a população se ver, como também ser vista por pessoas de outras regiões. Em geral, reúnem vestígios do processo de urbanização, dos ciclos econômicos que sustentaram a consolidação da cidade, das famílias que formaram a população, entre outros referenciais. Preservam um patrimônio que possa garantir a identidade do espaço circunscrito de uma cidade e a vivência cultural partilhada por sua população.

Tanto quanto os outros tipos, os museus de cidade também devem desempenhar três funções fundamentais (BRUNO, 1990, p. 8 e 9):

"- Função Educativa: é a força importante das atividades museológicas e acarreta o desenvolvimento e aperfeiçoamento da capacidade intelectual, cultural, artística, ideológica, perceptiva e afetiva. Como afirma Léon (1978p. 306) - "trata-se de dispor a mente e a sensibilidade do visitante para o

encontro com as civilizações passadas ou atuais que possibilite uma via de reflexão profunda sobre si mesmo". Sob este aspecto, o museu deve oferecer uma educação objetiva e também subjetiva, renunciando às implicações doutrinárias e propiciando em cada espectador faculdades específicas, tais como: fantasias, curiosidades e ligações com a realidade. Por isso, é fundamental que as crianças aprendam desde muito cedo a conviverem com os objetos, exposições e museus. O Museu deve oferecer à criança situações que levem à reflexão, ao desenvolvimento do raciocínio, pois só assim estará contribuindo para a Educação Libertadora, que é aquela que, consciente e concretamente questiona a realidade do indivíduo, do outro e do mundo que os cerca, levando-os às transformações;

- Função Científica: deve estar presente no interior e exterior do museu. No interior, enquanto as exposições representam o desfecho de um trabalho iniciado com a coleta sistemática do material, sua posterior catalogação e análise. Ao mesmo tempo, o museu deve atuar exteriormente, através das exposições e também de suas atividades paralelas (discussões, cursos, publicações, etc), como propulsor na procura do conhecimento, próprio a uma instituição científica;

- Função Social: a mais importante de todas, uma vez que ela representa o encontro das duas anteriores e também o resultado de ambas, pois somente através do pensamento científico, o museu poderá contribuir para a educação e desempenhar papel significativo em uma sociedade".

Para o desempenho dessas funções, esta proposta apresenta algumas diretrizes museológicas básicas para a atuação do Museu da Cidade de Piraju, a partir das considerações já enunciadas por Moraes (1992, p. 27 e 28), quando aponta que "Piraju será considerada um espaço produtor de relações sociais (o tecido urbano,

as edificações, as praças e demais espaços de vivência)... Assim, optar-se-á pela musealização da cidade: Piraju e suas instituições serão consideradas espaços possíveis de intervenções culturais".

1ª PARTE: CONCEITO MUSEOLÓGICO: A MUSEALIZAÇÃO DA CIDADE

O desenvolvimento das atividades deste Museu partirá da idéia de que a cidade é um espaço de construção coletiva, ao longo de um tempo permeado por relações sociais cotidianas, ligadas ao trabalho, lazer, família e devoção. Este binômio espaço-tempo é sustentado pelas características ambientais do território, da mesma forma que é vulnerável às influências de agentes externos.

1) O PATRIMÔNIO DA CIDADE

O conjunto dos bens identificados por uma coletividade será o objeto central da atuação deste modelo museológico. Conforme aponta Lucena (1991, p. 10), "a expressão patrimônio cultural se aplica às coisas que cada grupo preserva, porque nelas estão a sua sobrevivência. A noção de patrimônio engloba objetos, técnicas, espaços, edificações, crenças, rituais, instrumentos, costumes, explicitados no cotidiano das pessoas".

Esses bens são definidos a partir da importância que possam ter no cotidiano da população. Cabe ao museu colaborar na identificação, estudo, conservação e comunicação das referências patrimoniais, sempre levando em consideração a sua relevância para as comunidades envolvidas que, por sua vez, podem ser constituídas de diferentes segmentos da população.

2) AS PESSOAS DA CIDADE

A atuação deste museu deve estar voltada para a identificação das expectativas das diferentes comunidades de uma cidade, procurando compreender os mecanismos de aproximação das pessoas e os respectivos envolvimento comunitários, que muitas vezes podem estar vinculados à faixa-etária, tipo de trabalho, poder aquisitivo, lazer, interesses políticos, prática religiosa, etc.

Deve-se entender que a comunidade de uma cidade não é homogênea, pois é constituída de classes e setores, tais como trabalhadores (campo e cidade), como também existem atritos entre os diferentes segmentos (integrados e marginalizados).

Entretanto, as pessoas de uma cidade são as reais construtoras de uma memória coletiva e devem ser consideradas como agentes neste processo museológico.

Cabe ao museu, a partir de um trabalho sistemático, encontrar os elos de união entre as pessoas (que as tornam Pirajuenses) e, também, identificar as fissuras internas, valorizando a diversidade nos usos e costumes.

Um museu de cidade deve servir de opção para quem quer conhecer outros aspectos da população, ao lado da sua própria imagem, como também outros caminhos do seu território, diferentes das suas próprias trilhas.

3) OS ESPAÇOS DA CIDADE

É fundamental que um Museu de Cidade estenda sua atuação para toda a área de intervenção de uma população, compreendendo as mudanças sócio-econômicas que vão dando diferentes contornos ao centro e à periferia.

Este processo museológico tem como características básicas a descentralização espacial, o respeito aos espaços culturais já institucionalizados e a revalorização de locais marginalizados. Sempre atuando dentro deste tênue limite existente entre preservação e desenvolvimento.

A partir das considerações conceituais apresentadas, o Museu da Cidade de Piraju atuará através da musealização de diferentes espaços, procurando atingir os diversos segmentos da população, na busca da valorização de três aspectos, a saber:

- a) o território de Piraju: o equilíbrio ambiental.**
- b) o ser pirajuense: o perfil da população.**
- c) os signos de Piraju: as referências patrimoniais.**

2ª PARTE: METODOLOGIA DE TRABALHO: A PEDAGOGIA MUSEOLÓGICA

A metodologia para esse tipo de museu deve seguir dois princípios básicos: por um lado, valorizar as instituições culturais já existentes e, por outro lado, estabelecer um processo que conte, fundamentalmente, com a participação da população.

Para tanto, o Museu da Cidade de Piraju está apoiado em duas grandes estruturas, a saber:

- a) Banco de Dados sobre a Cidade
- b) Núcleos Museológicos Temáticos

1) BANCO DE DADOS SOBRE A CIDADE

Este projeto está voltado para a organização e armazenamento de informações sobre a cidade. Começando pela informatização dos signos urbanos construídos (monumentos,

edifícios, praças), passando para os elementos ambientais da região e terminando pelas coleções já existentes nas diferentes instituições. Deve ser armazenada, também, a memória ligada às festas populares e outras manifestações culturais. Em seguida, este projeto deve servir como suporte para a atuação dos núcleos museológicos.

Seu desenvolvimento depende do cumprimento de algumas etapas preliminares, tais como: levantamento bibliográfico, realização de planilhas, elaboração de programa adequado para esse tipo de informatização, identificação dos primeiros itens a serem documentados.

Cabe ressaltar que é fundamental a parceria com as instituições culturais, como também com empresas que possam sustentar financeiramente o projeto.

A sede central do Projeto Banco de Dados pode ser instalada nas antigas dependências do Centro Regional de Pesquisas Arqueológicas Mário Neme, ficando próxima à Biblioteca e Arquivo.

2) NÚCLEOS MUSEOLÓGICOS TEMÁTICOS

Com o objetivo de desencadear o processo museológico, esta proposta apresenta quatro sugestões temáticas para dar início ao desenvolvimento do Museu da Cidade de Piraju, a saber:

- a) **Arqueologia Regional: os vestígios do passado.**
- b) **Rio Paranapanema: a alma da cidade.**
- c) **Tradição e Progresso: o café e a evolução da cidade.**
- d) **Famílias: as pessoas de Piraju.**

Para cada um dos núcleos está previsto um processo de trabalho, um espaço de intervenção e um tipo de articulação junto aos diferentes segmentos da população.

A união entre os diversos núcleos deve ocorrer através da aplicação de projetos pedagógicos voltados ao público infanto-juvenil.

2.1. NÚCLEO MUSEOLÓGICO A:

"ARQUEOLOGIA REGIONAL: OS VESTÍGIOS DO PASSADO"

Trata-se da reorganização do Centro Regional de Pesquisas Arqueológicas Mário Neme, que reúne o acervo proveniente das pesquisas do Projeto Paranapanema.

Este núcleo deve atuar a partir de três bases: reserva técnica do acervo aberta ao público, exposições temporárias sobre as pesquisas em realização, vinculadas à mostra de longa duração e serviço educativo apoiado em arqueologia experimental.

A sua sede central deve permitir o desenvolvimento das atividades mencionadas, da mesma forma, ser uma referência cultural para os interessados em Arqueologia.

2.1.1. SEDE

O Galpão da Estação Ferroviária deve servir como sede para este núcleo, a partir de uma reforma e adaptação arquitetônica para o novo uso. Neste edifício devem funcionar as seguintes atividades:

Sala 1:

Exposição de Longa Duração:

- a) Processo de Hominização.
- b) Passagem do Homem para a América.
- c) O Homem no Vale do Rio Paranapanema.
- d) Métodos e Técnicas do Trabalho Arqueológico.

Sala 2:

Exposição biográfica sobre Mario Neme e Luciana Palestrini:

- a) Mário Neme: cronologia de uma vida.
- b) Luciana Palestrini: uma vida dedicada à arqueologia.

Sala 3:

Exposições Temporárias sobre os diversos programas de pesquisa arqueológica que fazem parte do Projeto Parana-panema.

Sala 4:

Espaço dedicado à guarda do acervo em armários de aço (com mezanino), sendo que uma das laterais é transformada em vitrina para o público ter acesso, também, às coleções. Estes armários devem ficar próximos à uma área destinada ao estudo e organização do acervo.

Sala 5:

Área destinada aos trabalhos públicos, como projeção de vídeo, atividades educativas, conferências, etc.

Este núcleo, de alguma forma, já é uma realidade em Piraju, em função da importância da atuação do Centro Regional Mário Neme. Nesse sentido, sua implantação está vinculada a duas questões: por um lado, à adequada preparação do espaço (Galpão da Estação Ferroviária) e, por outro lado, às estratégias pedagógicas que devem vinculá-lo aos sítios arqueológicos, ao cotidiano da cidade e às atividades dos outros núcleos.

Para tanto, este núcleo deve contar com as seguintes linhas de atuação:

- a) visitas monitoradas às exposições, seguidas de atividades educativas vinculadas à Arqueologia Experimental (em especial para o público infanto-juvenil);
- b) visitas aos sítios arqueológicos da região, em especial durante etapas de escavações (programas turísticos);
- c) organização de seminários, sessões de vídeos e debates sobre arqueologia;
- d) realização periódica de cursos, para o público infanto-juvenil, sobre arqueologia, e
- e) preparação de professores para o acompanhamento das atividades deste núcleo.

2.1.2. PROCESSO DE TRABALHO

- a) - reforma do Galpão da Estação Ferroviária.
 - detalhamento museográfico do projeto do mobiliário para a reserva técnica, uma vez que parcela substancial das instalações depende de

móveis, divisórias e portas especialmente planejadas.

- preparação do circuito entre os sítios arqueológicos.
- b) - elaboração de proposta para organização, guarda das coleções e realização dos respectivos estudos, como também, apresentação expositiva. Encaminhamento desta proposta às agências financiadoras, visando a contratação dos profissionais para o estudo, catalogação e possível publicação de um catálogo do Projeto Paranapanema.
 - montagem das exposições.
 - início das atividades pedagógicas
- c) - abertura integral do núcleo - inserção das visitas aos sítios arqueológicos em programas turísticos.

2.2. NÚCLEO MUSEOLÓGICO B

"RIO PARANAPANEMA: A ALMA DA CIDADE"

Este núcleo terá sua atuação voltada para as questões ambientais, utilizando o Rio Paranapanema como eixo temático, em função de sua importância para a cidade. Partindo da idéia de que este rio ocupa espaço significativo na construção da memória de Piraju, considera-se fundamental fomentar processos participatórios em que a população possa expor a "imagem" que tem do Rio Paranapanema.

Para tanto, o Museu da Cidade deve desencadear duas linhas de atuação para consolidação desse núcleo, a saber:

- a) estudo e organização da documentação existente, com apoio de entidades ambientalistas e acadêmicas.
- b) desencadear campanha pública, com apoio da imprensa (jornal, rádio), com o tema "Mostre o Rio que voce vê", com o objetivo de levantar as diferentes imagens que a população foi guardando sobre o rio. Neste processo, documentos em diferentes suportes (fotos, desenhos, textos, etc) podem surgir e, após a devida catalogação devem ser expostos em local próximo ao rio e, em seguida, percorrer as escolas da cidade (a partir do empréstimo dos documentos).

A implantação desse núcleo deve amparar as contradições normalmente existentes entre a preservação, uso e transformação das referências ambientais. Por um lado, este núcleo pode contribuir para uma pedagogia da apropriação, ou seja: chamar a atenção para o equilíbrio ecológico e a necessidade de conter a devastação da natureza.

Sem uma sede específica, sua atuação deve consolidar-se junto aos espaços abertos (praças, nichos ecológicos, rio, etc), como também nas escolas através de oficinas de reciclagem de papel, maletas pedagógicas sobre questões ambientais, adoção de áreas verdes através de campanhas, entre outras atividades.

A estratégia adotada, focalizando o Rio Paranapanema, pode ser repetida sistematicamente através da valorização de outros elementos, como o inventário de áreas verdes e a reorganização do viveiro de plantas.

O desenvolvimento desse núcleo deve visar a formação da população infanto-juvenil, a contribuir para a

implantação de programas turísticos não predatórios e colaborar para a elaboração do Código Ambiental do Município de Piraju.

2.3. NÚCLEO MUSEOLÓGICO C:

"TRADIÇÃO E PROGRESSO: O CAFÉ E A EVOLUÇÃO DA CIDADE"

O café é uma referência básica para a organização e desenvolvimento de Piraju como cidade, como também de sua projeção no cenário estadual e nacional. Representa, no que diz respeito ao universo patrimonial, a linha divisória entre a tradição (preservação das referências ligadas ao período áureo) e progresso (opção por novos caminhos econômicos).

O café será utilizado como símbolo para que este núcleo possa musealizar a força do trabalho que tem consolidado as estruturas sócio-culturais de Piraju.

A partir da memória construída em função do café, o desenvolvimento deste núcleo abordará outras questões, tais como: pecuária, comércio, indústria, etc.

Este núcleo deve atuar por meio de cinco bases: sede central com mostras de longa duração e reserva técnica do acervo; inventário dos signos urbanos (casas, monumentos, ruas) ligados ao desenvolvimento da cidade; organização de circuitos para visita; exposições itinerantes com temas ligados à história sócio-econômica de Piraju, para serem montadas em escolas, empresas, indústrias, clubes e projetos pedagógicos apoiados na Educação Patrimonial.

2.3.1. SEDE

A Estação Ferroviária deve servir como sede básica depois que passar pelas devidas reformas, que compreendem a restauração do edifício e a adequação da arquitetura interna para poder receber a instalação de uma instituição que abrigará acervo (de tipologia diferenciada) e estará aberta à visitação.

Este edifício dividido em dois pavimentos deve reservar o andar superior para as atividades burocráticas e técnicas, como também para palestras e projeção de vídeos. No andar térreo, a divisão deve ser a seguinte:

Sala 1:

Exposição de Longa Duração

- a) O Povoamento da Região
- b) São Sebastião do Tijuco Preto: as terras dão o contorno à cidade
- c) Piraju: o desenvolvimento da cidade
- d) O Café: cultivo e tecnologia
- e) Piraju: perfil econômico

Sala 2:

Exposição Temporária

"As Ruas e Praças da Cidade"

Espaço destinado à apresentação de mostras biográficas sobre personalidades que deram nomes às ruas e praças, a partir do desenvolvimento dos estudos vinculados ao Banco de Dados e do empréstimo dos objetos junto às famílias.

Sala 3:

Exposição Temporária

Espaço destinado a mostras temporárias que, em seguida, devem se transformar em itinerantes, enfocando a pecuária, a indústria e o comércio.

Sala 4:

Reserva Técnica: deve ser preparado um espaço para abrigar coleções, mesmo que temporariamente, e proceder o devido tratamento museológico.

A implantação do núcleo Tradição e Progresso deve ser acompanhada de uma estratégia pedagógica apoiada nos princípios da Educação Patrimonial, ou seja: priorizar a referência do patrimônio como evidência material de um processo cultural que deve ser vivenciado pelo público, em especial o infanto-juvenil em sua formação educacional. Significa que a história da cidade deve ser conhecida pela população a partir da convivência com os signos urbanos, da familiaridade com os objetos musealizados e da participação em reconstituições de fatos relevantes da história local.

2.3.2. PROCESSO DE TRABALHO

- a) - restauração e adaptação da sede, a partir da elaboração de projeto específico para esse fim, que deve ser encaminhado para empresas locais, com o objetivo de obter o financiamento das obras. Este projeto deve dar início a um longo processo de parceria entre o Museu da Cidade e os representantes dos principais setores econômicos

de Piraju, uma vez que a atuação deste núcleo está voltada para a musealização desta realidade.

- b) - detalhamento do projeto museográfico para a montagem das mostras acima mencionadas;
 - preparação dos circuitos de visita aos principais pontos históricos da cidade e a respectiva inserção em programas turísticos.
- c) - após a instalação da estrutura básica na sede central, este núcleo deve desencadear um processo de sensibilização da população em relação à sua área de atuação. Para tanto, deve estabelecer uma "gincana cultural" sobre a memória do café, com o objetivo de inventariar os bens patrimoniais. Com o apoio da imprensa (jornal e rádio) esta gincana deve contar com a participação de professores que possam colaborar na catalogação dos objetos recuperados pelos participantes, como também gravar informações sobre os respectivos donos. O material coletado deve fazer parte de mostra temporária, como estímulo à preservação patrimonial.
- d) - todo esse processo deve estar permeado por projetos educativos, vocacionados para a observação, fruição e, questionamento das evidências patrimoniais ligadas à história local.

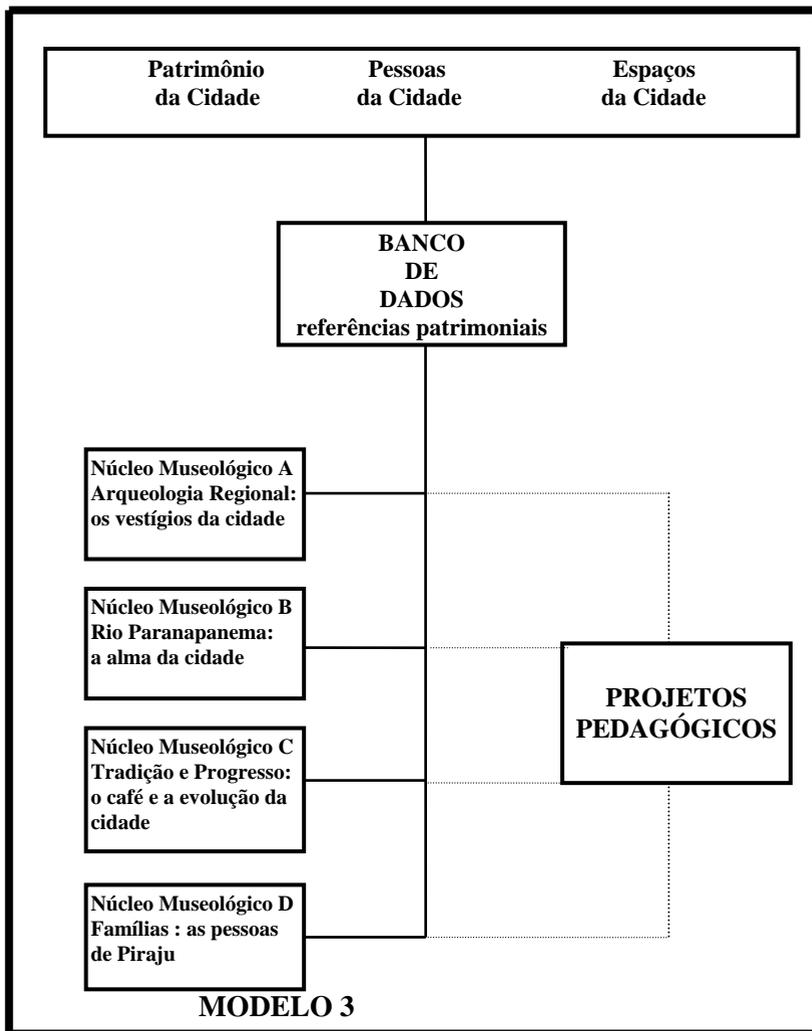
A mesma estratégia ligada à musealização da "Memória do Café - vinculada à força do trabalho" pode ser utilizada para o tratamento de outros elementos sobre a cidade de Piraju,

sempre relacionados à abordagem dos limites e reciprocidades entre tradição e progresso.

2.4. NÚCLEO MUSEOLÓGICO D: "FAMÍLIAS: AS PESSOAS DE PIRAJU"

Procurando conhecer o cotidiano das diferentes famílias, a partir da consideração de que a família é uma célula fundamental na dinâmica de uma cidade, este núcleo pretende levantar junto à população, a história das famílias, os usos e costumes, as opções quanto ao lazer e devoção, entre outros aspectos.

A implantação deste núcleo, em um primeiro momento, deve contar com o apoio dos professores para a aplicação de questionários junto aos alunos. Utilizado como instrumento de investigação, devidamente preparado (perguntas estimulantes acompanhadas por imagens) e analisado, o questionário passa a desempenhar um papel chave para o levantamento do perfil da população. Em um segundo momento, este perfil deve apontar aspectos a serem musealizados, a partir do tratamento de temas de relevância para a população. Através de exposições, esses temas podem ser abordados periodicamente e devidamente desdobrados em atividades pedagógicas.



(Quadro geral sobre o modelo)

“Museus de Interior”

- o resgate dos vestígios abandonados -

“Os museus não valem como depósitos de cultura ou experiência acumulada, mas como instrumentos geradores de novas experiências e renovação da cultura”

Carlos Drumond de Andrade (1975)

**Desenvolvimento da Proposta
(quadro referencial)**

Introdução: justificativas para o modelo.

1ª Parte: Conceito Museológico: a recuperação do passado

1.) Um aspecto do perfil da Museologia Paulista

2ª Parte: Metodologia de Trabalho: as parcerias do Projeto
Parapanema

Obs.: a descrição do modelo é apresentada a seguir

INTRODUÇÃO: JUSTIFICATIVAS PARA O MODELO

A história dos museus reservou para este século a multiplicidade de formas museológicas que partiu, em geral, do desdobramento dos grandes museus, da especialização do conhecimento e da necessidade de aproximação com a sociedade.

Assim, não só as grandes instituições abriram as suas portas para a atuação extra-muros, diversificando os seus projetos com exposições itinerantes e atividades nas escolas, mas o patrimônio local, comunitário e ainda não musealizado, passaram a gerar novos processos museológicos, como já foi visto anteriormente.

Este lento caminhar, que tem na presença de Georges Henri Rivière, um símbolo e uma grande inspiração, conta com muitos adeptos e uma centena - ou mais - de estimulantes experiências pelo mundo.

A Museologia tem proporcionado um repensar nas estratégias de tratamento e apropriação dos bens patrimoniais locais, sugerindo metodologias alternativas.

Entretanto, alguns processos ficaram no meio do caminho, ou percorreram atalhos que lhes garantiram a sobrevivência e a caracterização de um perfil muito particular. É o caso, por exemplo, da rede de museus estaduais que se espalha pelo interior do Estado.

É importante mencionar que os museus da rede, e mesmo outros que foram criados a sua semelhança, contam com objetos arqueológicos. Em geral, esses testemunhos da presença pré-colonial estão nestas instituições despossuídos de análise arqueológica e descontextualizados. Alguns nem pertencem à região, outros foram coletados por amadores, ou ainda achados por meio do trabalho

agrícola. Entretanto, uma vez apresentados nestes museus locais, passam a compor o cenário dos indicadores da memória pré-histórica.

Neste sentido, este modelo propõe uma **estratégia de resgate cultural** para os vestígios abandonados nos museus do interior, vinculados à área do Paranapanema. Para tanto, conta com a fundamental parceria de outro projeto que já está em desenvolvimento. Trata-se do trabalho de Selma Ires Chiari, voltado para o “Perfil Museo-Arqueológico do Projeto Paranapanema”⁴³.

Desta forma, este modelo associa-se às intenções de Chiari, propondo estratégias de musealização para o perfil arqueológico que está sendo delineado, em suas pesquisas concernentes aos objetos pré-coloniais, existentes nos museus da referida área.

Assim, esse modelo pretende contribuir para mais um aspecto da consolidação do perfil preservacionista dos problemas inerentes à implementação do Projeto Paranapanema.

1ª PARTE: CONCEITO MUSEOLÓGICO: A RECUPERAÇÃO DO PASSADO

1. O PERFIL DA MUSEOLOGIA PAULISTA

A implantação de museus em São Paulo tem acompanhado, ao longo deste século, as idéias de progresso e desenvolvimento que nortearam esta parcela do Brasil e conduziram-na para uma posição de destaque nacional.

Assim, os museus da capital foram para o interior seguindo o caminho do café, das estradas de ferro e das indústrias. É

(43) Chiari vem desenvolvendo levantamentos sistemáticos nos museus da região, analisando os artefatos e mapeando as ocorrências museo-arqueológicas de interesse para o Projeto Paranapanema.

bem verdade que abandonaram o litoral e foram fortalecidos pelos ciclos econômicos que tiraram a riqueza das entranhas dos processos de migração e imigração, que povoaram as regiões norte, sul e oeste de São Paulo.

Entretanto, a mesma idéia de progresso que impulsionou a criação do Museu Paulista (1895), tem sido responsável pela destruição de incontáveis fragmentos da nossa memória. Neste cenário que, exatamente no momento da redação deste trabalho, é desolador, constata-se, também, uma flagrante falta de atenção ao passado pré-colonial.

A história dos museus em São Paulo, após a deflagração do processo museológico capitaneado pelo museu acima referido, conviveu desde o início com a pluralidade de instituições científicas e culturais. Desde as primeiras décadas deste século, a produção científica foi partilhada com institutos de pesquisa e com a Universidade de São Paulo, o conceito de preservação da memória recebeu os ecos da atuação dos Institutos Históricos e Geográficos, e a dinâmica da sociedade foi sistematicamente alterada pelas influências que os imigrantes trouxeram do interior, ou pelos estímulos culturais propostos pelos migrantes das outras regiões do país.

Neste território do “futuro” tem sido difícil alicerçar bases museológicas preservacionistas. Por um lado, não deve ser negligenciado que o nosso “mito de origem” está consolidado na sacralização da imagem do bandeirante: aquele que desbravou terras e aprisionou povos para trazer a riqueza. Por outro lado, a perspectiva desenvolvimentista, daqueles que vivem neste Estado, não coincide com nenhuma esfera conceitual sobre preservação.

Assim, alguns momentos desta trajetória museológica serão delineados, com o objetivo de apresentar um cenário capaz de

contextualizar o abandono dos vestígios arqueológicos nos museus do interior.

É importante registrar que as três primeiras décadas deste século, não só significaram muito para a auto-estima econômica deste Estado, como para sua inserção no mundo das artes e ciências.

Nos salões da capital e do interior conviveram artistas, cientistas, políticos e intelectuais, que discutiram sobre os rumos do país, planejaram movimentos culturais e organizaram partidos políticos. Como já foi apresentado neste trabalho, o melhor exemplo deste momento deve ser atribuído à experiência da implantação do Departamento de Cultura do Município de São Paulo, pois sua equipe foi capaz de enxergar além dos vitrais dos palacetes da avenida Paulista (São Paulo) ou mesmo reconhecer as imagens estantâneas do cotidiano, que surgiram e se confrontaram nos caminhos percorridos pelo interior do Estado.

Entretanto, a partir do final da década dos anos trinta teve início um período de grande isolamento de São Paulo, no que diz respeito à política nacional de cultura, ou dos sucessivos processos federais que têm sido implantados até os dias de hoje. Enquanto vários Estados estavam sendo alvo de atenção do governo central e, desta forma recebendo apoio para a estruturação de museus nacionais, este Estado, criou instituições museológicas a partir de suas próprias forças. Foi um momento importante para os museus de arte com o surgimento de diversas estruturas institucionais. Também os centros de ciências proliferaram e criaram seus próprios museus. (RÚSSIO, 1980).

Cabe destacar que estes impulsos museológicos que se concentraram entre os anos quarenta e cinquenta, privilegiaram a capital.

No âmbito do modelo ora apresentado, merece destaque um outro movimento que foi no sentido contrário e deflagrou

a criação de museus no interior. Portanto, muito mais responsável pelo perfil existente ainda hoje.

Deste movimento devem ser destacados os seguintes aspectos:

- 1) os processos e campanhas deflagrados pelo médico Eurico Branco Ribeiro, à frente do Rotary Club do Brasil, a favor do museus, a partir de 1945.
- 2) o empenho de Vinícius Stein Campos na implantação dos Museus Histórico e Pedagógicos, a partir da Secretaria de Estado dos Negócios de Educação, nas décadas de cinquenta e sessenta.

Quanto à campanha do Rotary Club do Brasil, Waldisa Rússio (1980)⁴⁴, explica que ... “o museu seria o resultado de uma clara consciência de sua necessidade, do desejo comunitário de possuí-lo e a conseqüente obrigação de mantê-lo. Neste caso, o museu não seria um corpo estranho, enquistado na cidade sem qualquer vinculação existencial com a população ou à sua história”.

Essa campanha, que foi reiteradas vezes impulsionada pelo médico acima referido, deixou muitos frutos, sobretudo com a criação dos museus das cidades de Atibaia, Bauru, Guarapuava e Livramento, instaurados por rotarianos.

Já o processo deflagrado por Vinícius Stein Campos assegurou as bases das estruturas museológicas instauradas pelo interior do Estado e aponta para idéias e mentalidades presentes ainda hoje nestas instituições.

Assim, pelo decreto nº 26.218 de 3.8.1956, durante o governo estadual de Jânio Quadros, foram instituídos os quatro primeiros museus, denominados de históricos e pedagógicos,

(44) Trecho extraído de artigo publicado do Suplemento Cultural do jornal “O Estado de São Paulo” nº 167 - ANO IV - janeiro de 1980.

vinculados a patronos de representatividade nacional como Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves e Washington Luís.

A princípio, foram concebidos como museus escolares, expandiram-se por outras cidades e tiveram sua organização apoiada nas idéias do regimento interno do Museu Imperial de Petrópolis. Os patronos passaram a ser escolhidos entre personagens das letras e artes, além dos políticos. No ato de 30.4.1957 que regulamentou estas instituições, alguns aspectos chamam atenção, a saber:

- instituições que foram criadas com caráter cívico e educacional e se destinavam a manter vivo o passado da nação;
- estes museus deveriam contar com o apoio do Museu Paulista e vincular-se à trajetória política do patrono e desdobrar-se em relação ao período correspondente;
- vinculação da instituição museológica e desenvolvimento de pesquisa sobre a cidade e região;
- configuração do perfil institucional com as responsabilidades museológicas que cobrem da coleta de objetos à montagem de exposições, passando por todas as outras etapas curatoriais.

Stein Campos, destaca que ... “No segundo semestre de 1958, à luz da experiência adquirida com os museus já instalados e postos a funcionar, e, atendendo, principalmente ao trabalho de investigação e divulgação histórica que urge realizar, aliado ao da preservação do patrimônio histórico nacional em terras paulistas, procedeu-se a cuidadoso planejamento de uma estruturação dos serviços dos museus históricos e pedagógicos de São Paulo em bases

mais amplas, de sorte a serem atendidos os objetivos visados pela sua instituição” (1960, p. 10).

Os vinte e oito museus organizados nos primeiros anos desta empreitada foram agrupados em três categorias, a saber:

- Museus do Período Colonial
- Museus do Período Monárquico
- Museus do Período Republicano.

Assim, desta experiência que norteia o perfil dos museus do Interior até os dias de hoje, destacam-se dois aspectos significativos:

- 1º) a reiterada postura paulista de procurar o Brasil nas suas entranhas
- 2º) o abandono completo da preservação da memória pré-colonial.

Ao longo das décadas dos anos sessenta e setenta, esses tipos de museus cresceram dentro da rede estadual, ou mesmo, a partir da iniciativa de vários municípios. Entretanto, é possível afirmar que se distanciaram muito das propostas originais, em alguns períodos ficaram abandonados à própria sorte e, alguns, só sobreviveram em virtude do apoio de algumas pessoas, em especial, professores da rede pública.

Cabe destacar que os caminhos que interiorizaram os processos de musealização no Estado de São Paulo seguiram uma rota oposta ao que acontecia em outros países.

A descentralização museológica e a democratização dos procedimentos em relação à preservação patrimonial, que têm acompanhado a conduta dos profissionais de museu desde o início deste século, procuraram ir ao encontro das manifestações sócio-culturais dos segmentos menos favorecidos e, portanto, exilados dos processos elitistas de musealização. Aqui, ocorreu o contrário. A elite

foi procurada no interior, para impor ao país a importância deste Estado na construção da nação brasileira. Na verdade, o perfil dos museus históricos nacionais serviu de modelo para a implementação do referido processo.

Outro aspecto que deve ser destacado, prende-se ao isolamento destes museus em relação à implantação e desenvolvimento das instituições na capital do Estado. É possível afirmar que nos últimos trinta anos São Paulo gerou dois processos distintos. O primeiro protagonizado pelos museus sediados na metrópole paulista, a partir das diferentes estruturas institucionais, e o segundo segmento corresponde à referida rede de Museus Históricos e Pedagógicos.

Além do já citado Centro Regional de Pesquisas Arqueológicas Mário Neme, da recente reformulação do Museu de Iguape (SCATAMACCHIA, 1990), e das coleções arqueológicas do Museu Universitário da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, restam algumas coleções ou mesmo objetos esparsos pelas instituições do interior.

Além dos documentos produzidos por Vinícius Stein Campos, da legislação que envolveu esse processo e dos textos elaborados por Eurico Branco Ribeiro, pouco se sabe sobre o início da atuação desses museus que foram criados a partir de uma forte concepção cívica. Entretanto, o então olhar sociológico de Waldisa Rússio elaborou uma profunda análise sobre estas instituições que foi transformada na dissertação de mestrado “Museu, um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento”.

Este trabalho revelador e pioneiro indicou que ... “As instituições museológicas do Interior do Estado, salvo raras exceções, o de que mais padecem é exatamente da falta de informação de caráter museológico, refletida na pobreza de técnica de suas vitrinas, a

revelar, também, um espírito imobilista que tende a fazer do museu a negação da vida. Museu-arquivo, museu-apêndice, museu indefinido, museu não especializado; exposição não expositiva; não valorização das exposições temáticas **especiais**; museus sem centro de interesse definido, **não-especializados** no que diz respeito à área museológica e não-especializados no que diz respeito às suas outras funções técnicas (pesquisa, serviços educativos, comunicação cultural, etc). Pode-se dizer - de uma maneira lacônica e melancólica - que as organizações museológicas paulistas, no **Interior**, não têm qualquer diferenciação ou especialização museológica (embora sua denominação, quase sempre, pressuponha a biografia), nem especialização quanto às atividades de apoio (sejam elas técnicas ou administrativas “stricto sensu”)” (RÚSSIO, 1977, p. 113 e 114).

A partir desta data, várias iniciativas administrativas possibilitaram revisões na orientação desses museus, alguns foram extintos e outros municipalizados. Desde a organização do Dema - Departamento de Museus e Arquivos do Estado - é visível a profissionalização desta área e a recuperação de muitas destas instituições.

Entretanto, a inserção da Arqueologia neste contexto ainda está para acontecer.

2ª PARTE: METODOLOGIA DE TRABALHO: AS PARCERIAS DO PROJETO PARANAPANEMA

Este modelo, proposto para recuperar os vestígios abandonados nos museus deve ser compreendido como um **plano de intenções**, cujos princípios museológicos já foram apresentados, não só na formulação dos dois modelos anteriores, mas estão implícitos na

elucidação referente aos processos de musealização, por isso não serão repetidos.

Assim, a partir da explícita parceria com o já citado projeto de Selma Ires Chiari, esta proposta tem os seguintes objetivos:

- a) identificar, mapear e analisar, os vestígios pré-coloniais nos municípios concernentes ao Projeto Paranapanema.
- b) apresentar propostas museológicas de tratamento e comunicação dos vestígios identificados.
- c) estimular a atuação dessas instituições, a partir de propostas de mostras itinerantes e de educação patrimonial.
- d) possibilitar à população, que vive na área coberta pelo Projeto Paranapanema, uma outra forma de apropriação dos bens pré-coloniais.

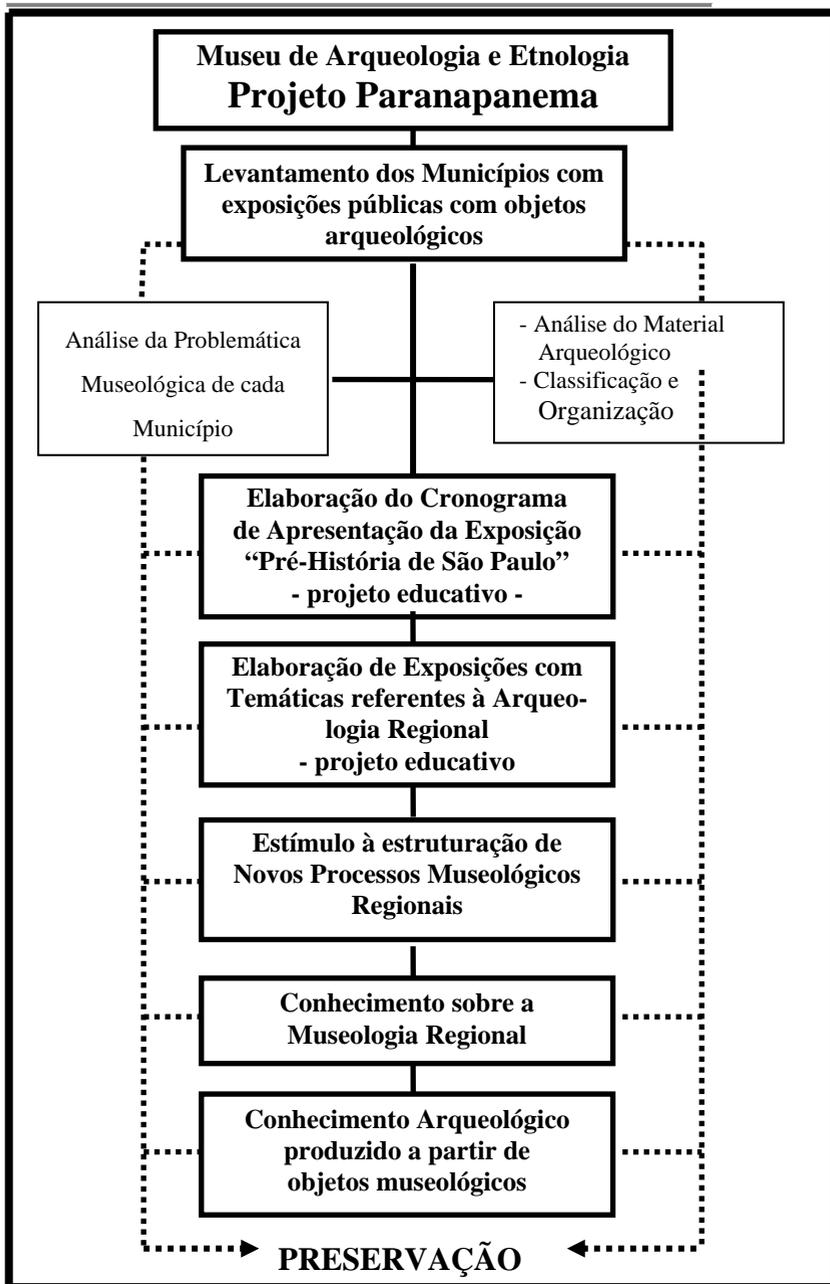
A partir da experiência piloto⁴⁵, realizada por Chiari, o levantamento realizado em uma meso-região da área do Paranapanema, comprovou a existência desses vestígios perdidos e a necessidade de recuperá-los.

A estratégia que está sendo pensada pretende que a exposição itinerante, já citada, “Pré-História de São Paulo” - desdobrada em mais uma parte referente às pesquisas do Paranapanema, acompanhe sistematicamente os trabalhos de levantamento em cada meso-região do projeto. Ao término do levantamento em cada meso-região, será operacionalizada uma avaliação sobre o perfil dos vestígios abandonados e, ao mesmo tempo, em relação à potencialidade museológica da área estudada.

(45) Informações inseridas no Relatório “Levantamento dos Vestígios Arqueológicos Pré-Coloniais e Colonial Presentes em Instituições e Acervo Particular da Meso-Região de Capivara” (1995).

Enquanto as propostas de Chiari prendem-se mais na análise dos vestígios, esta, procurará cobrir as questões museológicas e educacionais vinculadas à extroversão da Arqueologia. A atuação conjunta, todavia, será fundamental. Desta forma, outros temas serão alvo de musealização para a elaboração de exposições itinerantes e mesmo implantação de novas estruturas museológicas.

Este modelo pretende, também, embasar processos museológicos semelhantes ao apresentado no modelo 2 - do ponto de vista metodológico - em outras cidades e, neste sentido, a recuperação do material arqueológico pode representar o primeiro passo para este trabalho.



(Quadro geral sobre o modelo)

A apresentação dos três **modelos de musealização da Arqueologia** permite avaliar as distintas necessidades comunicacionais e preservacionistas do Projeto Paranapanema.

Neste sentido, devem ser compreendidos, preliminarmente, a partir de suas características particulares. Em um segundo momento, devem ser identificadas e estimuladas as perspectivas de interação e retroalimentação entre os três processos.

Cabe salientar que a distinção entre os três modelos é responsável, também, pelos graus de complexidade inerentes às questões históricas, conceituais e metodológicas de cada um deles.

Assim, podem ser entendidos por meio da seguinte identificação:

- **modelo instituição:** “Programa de Comunicação Museológica do MAE/USP”

- **modelo conceito:** “Museu da Cidade de Piraju”

- **modelo estratégia:** “Museus do Interior”

A formulação do **modelo instituição** levou em conta os aspectos constitutivos (estruturais e conjunturais) do novo Museu de Arqueologia e Etnologia, por ser a sede principal do Projeto Paranapanema. Da mesma forma, as questões históricas do fenômeno museu atingem mais diretamente esta proposta, pois o MAE/USP é uma instituição com todas as características dos museus tradicionais.

Já o **modelo conceito** partiu de uma idéia. Assim, a idéia de cidade foi pensada como elemento estruturador do processo

museológico e viável para possibilitar a integração entre as referências patrimoniais. Este modelo é apresentado, ainda, como um conjunto de postulados, cuja implementação, que já vem ocorrendo, depende de questões conjunturais, que interagem com o processo em tempos diferentes.

O **modelo estratégia** surgiu coligado a outro projeto já existente e corresponde à necessidade de atender a um aspecto peculiar da trajetória museológica paulista, ou seja: recuperar os vestígios abandonados nos próprios museus. Neste sentido, ele é o menor e mais conciso modelo apresentado. Trata-se da reunião de propostas para atuação recuperadora de um processo que já está implementado, em alguns níveis estagnado e, sobretudo, com diretrizes que extrapolam o Projeto Paranapanema.

Os três modelos estão relacionados, como já foi salientado, a partir da noção, proposta pela coordenação do referido projeto arqueológico, referente ao “**gerenciamento da informação/preservação patrimonial**” e têm uma forte vocação educacional.

CONCLUSÃO

EXISTE UM FUTURO PARA O NOSSO PASSADO?

A intervenção da pesquisa arqueológica, que dá fidedignidade aos vestígios pré-coloniais soterrados por séculos de ocupações humanas superpostas, é responsável, também, pela constituição de uma nova e particular dimensão patrimonial. A evidenciação deste patrimônio arqueológico, em um primeiro momento, depende daqueles que produzem o conhecimento, a partir das investidas em campo e laboratório. Em um segundo momento, as estruturas institucionais museológicas e toda a sua potencialidade e obrigatoriedade de preservação e comunicação, passam a representar o principal suporte para que a sociedade conheça estes vestígios e possa identificá-los como referências patrimoniais.

Entretanto, o patrimônio arqueológico deste país, não aparece, com nitidez, no quadro interpretativo da cultura brasileira. As conquistas e as características das sociedades pré-coloniais não têm sido incorporadas na nossa herança patrimonial e, neste sentido, não têm servido como indicadores na construção da memória cultural brasileira.

Este estudo de modelos de musealização teve a intenção de salientar esse problema e, a partir de um estudo de caso, apontar propostas museológicas para a superação do quadro acima referido.

Assim, nesta conclusão, alguns aspectos devem ser reiterados.

Em um contexto geral, salienta-se a estreita vinculação entre museus de Arqueologia e estruturas universitárias, ou mesmo a opção, por parte de algumas universidades, de institucionalizar a pesquisa arqueológica, abstraindo o apelo

museológico inerente aos vestígios que são coletados e estudados. Esta vinculação garante a docência e a produção de conhecimento, mas prejudica a extroversão museológica. Como já foi indicado, as universidades brasileiras ainda não estabeleceram um plano de atuação para seus museus. Esta afirmação não significa, em hipótese alguma, a defesa da idéia, infelizmente recorrente, de que os museus devam ser retirados das universidades. Ao contrário, revela a urgência das universidades repensarem sua lógica estrutural e incorporarem, de fato, as instituições museológicas.

Outro aspecto de ordem geral prende-se às questões ligadas à legislação nacional referente à pesquisa arqueológica. Apesar dos reconhecidos esforços dos órgãos preservacionistas federal e estaduais, a atuação é extremamente tímida no que diz respeito à comunicação dos resultados das inúmeras intervenções arqueológicas. Portanto, esta legislação precisa ser desdobrada para as instâncias correspondentes à divulgação museológica dos acervos arqueológicos que já existem nas instituições e daqueles que estão sendo constituídos em todo o país. Cabe ressaltar que o mesmo rigor que existe para autorizar o acesso à pesquisa, restrito aos profissionais de Arqueologia devidamente credenciados e capacitados, deveria ser repetido para os projetos de exposição e educação. É importante registrar que, até o momento, não existe o menor respeito às necessárias especificidades profissionais no que tange à preparação, execução e avaliação dos processos de musealização da Arqueologia.

No âmbito das instituições que têm a responsabilidade científica em relação ao patrimônio arqueológico, deve ser reiterada a importância do planejamento institucional processual, da implantação de critérios para o gerenciamento da informação e da implementação de um programa de comunicação museológica.

O planejamento institucional pode garantir o estabelecimento de metas e prioridades e o cumprimento das responsabilidades integrais, inerentes aos museus. Por um lado, esta estratégia para a gestão institucional permite o despertar, o respeito e o equilíbrio de todas as áreas que devem constituir um processo museológico. Por outro lado, a avaliação sistemática, que é própria a processos desta natureza, permite um constante repensar sobre os procedimentos internos, sobre a abrangência dos projetos institucionais e, sobretudo, em relação à esperada eficácia dos museus.

O gerenciamento da informação arqueológica, por sua vez, apresenta particularidades no que tange à organização institucional. Na atualidade, é fundamental para os museus considerarem todas as possibilidades de informação ou seja: dos diários e fichas de campo a todos os vestígios fragmentados ou artefatos constituídos. Entretanto, esta perspectiva em relação à Arqueologia pré-colonial implica na reunião de milhares de unidades materiais. Neste sentido, deve ser considerada a implementação de Depósitos de Pesquisa para o armazenamento dos mencionados vestígios. Estes depósitos, à semelhança do que ocorre em outros países, devem guardar de forma organizada o material arqueológico, para que novos e futuros olhares científicos tracem outras interpretações. Assim, os processos museológicos articulariam, apenas, as “coleções-tipo”, ou seja: amostras significativas e representativas do universo cultural resgatado nas pesquisas.

Este quadro, referente às responsabilidades institucionais deve ser completado, evidentemente, com os programas de comunicação museológica. De acordo com o que foi apresentado neste trabalho, estes programas correspondem à implantação de processos sistemáticos de musealização do conhecimento

arqueológico, que possam mediar a extroversão e a preservação dos indicadores da memória sobre as sociedades pré-coloniais.

As propostas apresentadas para o Projeto Paranapanema sinalizam para algumas questões básicas, no que diz respeito aos conceitos e métodos inerentes à comunicação arqueológica.

Repensar a comunicação museológica da Arqueologia no Brasil significa desnudar as trincheiras, que muitas vezes têm sido estabelecidas entre as instituições ou mesmo criadas dentro delas. Da mesma forma, é fundamental estimular a articulação do patrimônio arqueológico com outros segmentos patrimoniais. Considera-se, ainda, indispensável o estabelecimento de estratégias para a recuperação dos vestígios pré-coloniais que estão abandonados nos museus e despossuídos de qualquer aproximação em relação à interpretação arqueológica.

Os três modelos de musealização que foram sugeridos, embora pensados a partir da realidade patrimonial do mencionado Projeto Paranapanema, possuem elementos estruturais que permitem uma aplicação em outros universos congêneres.

Cabe ressaltar, nesta conclusão, que os discursos expositivos voltados para a pesquisa arqueológica têm sido consideravelmente alterados neste século, possibilitando mudanças de forma e conteúdo. A partir da distinção básica entre as apresentações “arqueológico-artísticas” e “arqueológico-tecnológicas”, que vêm traçando uma linha divisória entre os sentidos e significados dos vestígios arqueológicos, outros elementos devem ser reiterados. É impossível não reconhecer o quanto foi importante para a Museologia as buscas para interpretação expositiva dos objetos arqueológicos. Os caminhos que muitos profissionais têm percorrido no sentido de abrigar nas exposições a contextualização dos artefatos, a introdução

de moldes e réplicas e mesmo a preparação de mostras ao ar livre, têm contribuído para uma abertura dos horizontes museológicos.

O patrimônio arqueológico representa para o fenômeno museal dificuldades muito concretas, inerentes aos processos comunicacionais sobre o outro e para o outro, distantes, muitas vezes, no tempo e no espaço.

Finalmente e não menos importante, é fundamental reiterar que os processos de musealização impõem tempos longos para sua aplicação, que não combinam com os tempos acadêmicos e de gestão administrativa e, muitas vezes, ultrapassam gerações de profissionais. Da mesma forma, estes processos estão baseados em estruturas mentais que vêm sendo consolidadas há séculos e, no caso da Arqueologia brasileira, com fortes indícios de um flagrante isolamento da realidade cultural brasileira.

Portanto, cabe salientar que o conhecimento sobre a historicidade dos processos institucionais é um passo decisivo para a implementação dos novos projetos. Apesar desta constatação, nem sempre os museus preservam sua própria memória e, com certeza, essa é uma característica que imprime fragilidade aos processos museais.

No caso específico do Projeto Paranapanema e como síntese das abordagens que foram apresentadas, considera-se que a foto apresentada a seguir simboliza a raiz das estruturas mentais dos processos de musealização que foram propostos.



da esquerda para direita: Leroi-Gourhan, Paul Rivet e Paulo Duarte - Musée de l'Homme, final da década de trinta - Paris

Os documentos existentes no Centro de Documentação do Musée de l'Homme (Paris) e algumas publicações já citadas comprovam a importância da liderança intelectual e política do etnólogo americanista Paul Rivet em relação aos jovens pesquisadores que, ao seu redor, pensaram um novo caminho para os museus antropológicos. Sabe-se que, além dos dois pesquisadores que aparecem na foto, outros tantos nomes significativos deste século circularam pelos corredores daquela instituição, durante as décadas dos anos vinte, trinta e quarenta. Destaca-se, sem dúvida, o nome de

Georges Henri Rivière, que legou para a Museologia os traços decisivos que são responsáveis por sua face contemporânea.

Da mesma forma, uma razoável bibliografia escrita por Paulo Duarte indica, com muita clareza, a importância das idéias desse grupo na suas concepções sobre museu e pesquisa pré-histórica. Sabe-se também que, ao implantar o Instituto de Pré-História em São Paulo, este profissional teve a preocupação de enviar estudantes à França para o necessário aperfeiçoamento profissional. Entre estes estudantes destaca-se, sem dúvida, o nome de Luciana Pallestrini que, como já foi visto, foi a grande seguidora no Brasil da metodologia arqueológica proposta por Leroi-Gourhan. Entretanto, questões de diferentes ordens afastaram Pallestrini de Duarte, e impulsionaram essa arqueóloga a implantar o Projeto Paranapanema em outra instituição.

As mesmas dissonâncias cognitivas e os mesmos interlúdios políticos que foram responsáveis pelos afastamentos em São Paulo, também o foram em Paris. É curioso constatar que, neste final de século, o Musée de l'Homme está revendo as suas propostas e rearticulando as suas intenções museológicas, enquanto a implementação do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP possibilita, também, a junção dos segmentos patrimoniais que tinham sido separados.

Neste sentido, esta foto e este breve histórico referente a alguns profissionais simbolizam a base das preocupações deste trabalho. Os processos de musealização devem intermediar os caminhos entre a comunicação e a preservação patrimoniais, recuperando as idéias e mentalidades daqueles que construíram o passado. Tanto o passado construído pelas sociedades pré-coloniais, quanto o passado das instituições museológicas voltadas para a Arqueologia.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, R.M.R.M. - **Sangue, Nobreza e Política no Templo dos Imortais**. dissertação de mestrado. UFRJ. Rio de Janeiro (1990)
- ALENCAR, V.M.A. - **Museu-Educação: se faz caminho ao Andar**. dissertação de mestrado. PUC-RIO. Rio de Janeiro (1987)
- ALEXANDER, E.P. - **Museums in Motion - An Introduction to the History and Functions of Museums**. American Association for State and Local History. Nashville (1979)
- ALMEIDA, A.M. - **A Relação do Público com o Museu do Instituto Butantã: análise da exposição “Da natureza não existem vilões”**. dissertação de mestrado. ECA/USP. São Paulo (1995)
- ALVES, M.C. - Sala para Experimentações. **IN: Boletim** nº 2, ano 1. MASJ. Joinville (1990)
- _____, M.C. - A Exposição na Escola. **IN: Boletim** nº 3, ano 1. MASJ. Joinville (1991)
- ANAIS - 1º Encontro Internacional de Ecomuseus**. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte. Rio de Janeiro (1992)
- ANDRADE, R.M.F. - **Rodrigo e o SPHAN - coletânea de textos sobre patrimônio cultural**. MINC - SPHAN / Fundação Nacional pró-Memória. Rio de Janeiro (1987)
- ARANTES, A.A. - **Produzindo o Passado - Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural**. Brasiliense. São Paulo (1984)
- AZEVEDO, F. - **A Cultura Brasileira**. Melhoramentos/EDUSP. São Paulo (1971)
- BARBUY, H. - **A Exposição Universal de 1889: visão e representação na sociedade industrial**. dissertação de mestrado. FFLCH/USP. São Paulo (1995)

- BARRETO, M.L.P.H. - Educação Patrimonial. **IN: Boletim** nº 5. MINC-SPHAN/Fundação Nacional pró-Memória. Programa Nacional de Museus. Rio de Janeiro (1985)
- BARROSO, G. - **Introdução à Técnica de Museus**. Gráfica Olímpica. Rio de Janeiro (1946)
- BAZIN, G. - **Le Temps des Musées**. Desoer. Bruxelles (1967)
- BENOIST, L. - **Musées et Muséologie**. Press Universitaire de France. Paris (1971)
- BOGUS, R.N. - **Projeto para o Museu das Ferrovias de São Paulo**. dissertação de mestrado. Fundação Escola Sociologia e Política de São Paulo. São Paulo (1985)
- BORNHEIM, G. - Introdução à Leitura de Winckelmann. **IN: Reflexões sobre Arte Antiga**. Co-Edições URGS e Editora Movimento. Porto Alegre (1975)
- BOSI, A. - **Dialética da Colonização**. Companhia das Letras. São Paulo (1992)
- BRANCO RIBEIRO, E. - **Museus Municipais**. Folheto - XVI Conferência Distrital dos Rotary Clubs de São Paulo. Belo Horizonte (1945)
- _____, E - **Museus Municipais**. dissertação de rotariano na Conferência do Distrito 121, São Paulo (1957)
- _____, E - Um Museu adequado para São Paulo. **IN: Caderno de Economia Industrial**. II Série, nº 28. São Paulo (1962)
- BRUNO, M.C.O. - Projeto do Museu do Instituto de Pré-História. **IN: Revista de Pré-História** nº 4. IPH/USP. São Paulo (1983)
- _____, M.C.O. - A Museologia a Serviço da Preservação do Patrimônio Arqueológico. **IN: Revista de Pré-História** nº 6 IPH/USP. São Paulo (1984a)

- _____, M.C.O. - **O museu do Instituto de Pré-História: um museu a serviço da Pesquisa Científica.** dissertação de Mestrado. FFLCH/USP. São Paulo (1984b)
- _____, M.C.O. - **Função Educativa dos Museus Universitários.** Informe Final do Curso Taller Museo y Education. UNESCO. Rio de Janeiro (1985)
- _____, M.C.O. - A Comunidade e o Museu Universitário. **IN: Caderno 2.** Simpósio sobre Memória e Patrimônio Cultural. Mogi das Cruzes (1986a)
- _____, M.C.O. - O Despertar do Espírito Científico através dos Museus. **IN: Novos Enfoques Educativos para a Atividade do Museu: participação, criatividade, comunicação.** OREALC/UNESCO. Rio de Janeiro (1986b)
- _____, M.C.O. - O Instituto de Pré-História e a Socialização do Conhecimento através de Projetos Museológicos. **IN: II Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa.** Lisboa (1989)
- _____, M.C.O. - **Programa Técnico-Científico de Museologia -** Museu de Arqueologia e Etnologia/USP. São Paulo (1992)
- _____, M.C.O. - Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema. Tese de doutoramento. FFLCH/USP, São Paulo (1995)
- BRUNO, M.C.O. & NEVES, W. - Ossos para Ofício: proposta, execução e avaliação de uma exposição temporária. **IN: Ciência em Museus** nº 1. CNPq. Belém (1989)
- _____, M.C.O. & VASCONCELOS, C.M. - A proposta educativa do Museu de Pré-História Paulo Duarte. **IN: Revista de Pré-História** nº 7. IPH/USP. São Paulo (1988)

- _____, M.C.O. & GUEDES, S.P.L.C. & AFONSO, M.C. & ALVES, M.C. - Um olhar museológico para a arqueologia: a exposição “Pré-História Regional de Joinville”. **IN: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia nº 1.** MAE/USP. São Paulo (1991)
- BUSH, L. - **Organização de Museus Escolares.** Empresa Editora Brasileira. São Paulo (1937)
- CADERNOS DE MUSEOLOGIA** - Centro de Estudos de Sócio-Museologia/Edição Especial para o Ciclo de Conferências: Nova Museologia - MAE/Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa (1993)
- CALDARELLI, S.B. & BRUNO, M.C.O. - Arqueologia e Museologia: experiências de um trabalho integrado. Pesquisas e exposições do Instituto de Pré-História/USP. **IN: Revista de Pré-História**, nº 3. IPH/USP. São Paulo (1982)
- CAMPOS, V.S. - **Elementos de Museologia - História dos Museus.** São Paulo (1965)
- CÂNDIDO, A. - Prefácio. **IN: Mario de Andrade Por ele mesmo.** Ed. Edart. São Paulo (1977)
- _____, A. - Patrimônio Interior. **IN: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** SPHAN/Fundação Nacional pró-Memória. Rio de Janeiro (1987)
- CARRIER, C. - Propos sur l'exposition. **IN: BRISES**, nº 10. Editions du CDSH. Paris (1987)
- CASTRO, M.W. de - **Mário de Andrade. Exílio no Rio.** Rocco. Rio de Janeiro (1989)
- CHAGAS, M. de S. - **Cadernos de Museologia/Novos Rumos da Museologia.** Centro de Estudos de Sócio-Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa (1994)

- CHANG, K. - **Rethinking Archeology**. Random House. New York (1967)
- CHAUÍ, M. - **O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira**. Brasiliense. São Paulo (1983)
- CHAUÍ, M. - **Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil**. Brasiliense. São Paulo (1986)
- CHIVA, I. - Un Prototypé. un Constat: les musées d'éthnologie. **IN: Constituer Aujourd la Mémoire de Demain**. Actes du Colloque de Rennes. Rennes (1984)
- CINTRA, M.C.R. - **Leitura de fragmentos: relato de uma experiência completa a partir de um acervo incompleto**. dissertação de mestrado. ECA/USP. São Paulo (1990)
- COHN, G. - **A Concepção da Política Cultural nos Anos 70**. IDESP - trabalho apresentado no Encontro de Cultura e Estado. São Paulo (1982)
- COLEMAN, L.V. - **Directory of Museums in South America**. The American Association of Museums. Washington D.C. (1929)
- COLLET, I. - Le Monde Rural aux Expositions Universelles de 1900-1939. **IN: Museologie et Ethnologie**. Editions de la Réunion des Musées Nationaux. Paris (1987)
- COUTINHO, C.N. - **Cultura e Sociedade no Brasil - ensaio sobre idéias e formas**. Oficina de Livros. Belo Horizonte (1990)
- DAGOINET, F - **Le Musée sans Fin**. Collection Milieux. Edition du Champ Vallon (1984)
- DELOCHE, B. - **Museologica-contradictions et logique du Musée**. Collection Museologica. Édition W. Museologie Nouvelle et Experimentation Social. Paris (1989)
- DESCARTES, R. - **Discurso do Método. As Paixões da Alma**. Sá da Costa. Lisboa (1984)

- DUARTE, P. - **Contra o Vandalismo e o Extermínio**. Coleção do Departamento de Cultura. vol. XIX. São Paulo (1938)
- _____, P. - **Paul Rivet por ele mesmo**. Anhambi. São Paulo (1960)
- _____, P. - **Fontes Brasileiras de Pesquisa Pré-Histórica**. Instituto de Pré-História. São Paulo (1970)
- _____, P. - **Mário de Andrade por ele mesmo**. Hucitec. São Paulo (1977)
- ECOMUSÉE EN FRANCE** - Première Rencontre Nationale des Ecomusées. Paris (1987)
- ELIAS, M.J. - **IN: Museu Paulista da Universidade de São Paulo**. Banco Safra. São Paulo (1984)
- _____, M.J. - Revendo o nascimento dos museus no Brasil. **IN: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. MAE/USP. São Paulo (1992)
- FIGUERÔA, S.F. de M. (coord.) **Um Século de Pesquisas em Geociências**. Instituto de Geociências. São Paulo (1992)
- FREIRE, P. - **Pedagogia da Esperança - Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra. Rio de Janeiro (1992)
- FROTA, L.C. - Mário de Andrade: uma vocação de Escritor Público. **IN: Mário de Andrade: cartas de trabalho**. MEC SPHAN. pró-Memória. Rio de Janeiro (1981)
- FUNARI, P.P.A. - **Arqueologia**. Ática. Série Princípios. São Paulo (1988)
- _____, P.P.A. - Arqueologia Brasileira - visão geral e reavaliação. **IN: Revista de História da Arte e Arqueologia**. nº 1. IFCH - UNICAMP. Campinas (1994)
- _____, P.P.A. - Paulo Duarte e o Instituto de Pré-História: Documentos Inéditos. **IN: Idéias**. UNICAMP ano 1, vol. 1. jan/junho. Campinas (1994)

- _____, P.P.A. - A Hermenêutica das Ciências Humanas: A História e a Teoria e Praxis Arqueológicas. **IN: Revista da SBPH.** nº 1. Curitiba (1995)
- GASPAR, A. - **Museus e Centros de Ciências: conceituação e proposta de um referencial teórico.** dissertação de mestrado. Faculdade de Educação/USP. São Paulo (1993)
- GIRAUDY, D. & BOUILHET, H. - **Le Musée et la vie.** La Documentation Française. Paris (1977)
- GOURARIER, Z. - L'échange symbolique entre le musée et la société. **IN: Constituer aujourd'hui la mémoire de demain - Actes du Colloque de Rennes.** Rennes (1988)
- GRINSPUM, D. - **Discussão para uma proposta de política educacional da divisão de Ação Educativo-Cultural do Museu Lasar Segall.** dissertação de mestrado. ECA/USP. São Paulo (1991)
- GROSSMAN, M. - **Interação entre Arte Contemporânea e Arte-Educação: subsídios para a reflexão e atualização das metodologias aplicadas.** dissertação de mestrado. ECA/USP. São Paulo (1988)
- GUARNIERI, W.R.C. - Museu, Museologia, Museólogos e Formação. **IN: Revista de Museologia.** ano 1, nº 1. Instituto de Museologia de São Paulo / FESP. São Paulo (1989)
- _____, W.R.C. - Conceito de Cultura e sua Inter-relação com o Patrimônio Cultural e Preservação. **IN: Cadernos Museológicos.** IBPC, nº 3. Rio de Janeiro (1990)
- GUEDES, S.P.L. de C. - O Projeto Espinheiros e seus Objetivos. **IN: Boletim** nº 3, ano 1. MASJ. Joinville (1991)
- Guia da Exposição Antropológica Brasileira.** Museu Nacional do Rio de Janeiro (1882)

- GULLAR, F. - **Cultura Posta em Questão**. Livraria Brasileira. Rio de Janeiro (1965)
- HERREMAN, Y. - De Gabinetes a Museos. **IN: Quipu**. vol. 2. (3). México. set/dez (1985)
- HINSLEY, C.M. - From Shell - Heap to Stelae: Early Anthropology at the Peabody Museum. **IN: Objects and Others: Essays on Museums and Material Culture**. George W. Stocking Jr. (ed.). History of Anthropology vol. 3. The University of Wisconsin Press. Wisconsin (1985)
- HIRATA, E. & DEMARTINI, C.M.C. & PEIXOTO, D.C.P. & ELAZARI, J. - Arqueologia, educação e museu: o objeto enquanto instrumentalização do conhecimento. **IN: DÉDALO** nº 27. MAE/USP. São Paulo (1989)
- HOLANDA, G. - **Recursos Educativos dos Museus Brasileiros**. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e Organização Nacional do ICOM. Rio de Janeiro (1958)
- HOLANDA, S.B. de - **Raízes do Brasil**. José Olímpio. Rio de Janeiro (1977)
- HORTA, M.L.P. - O Processo de Comunicação em Museus. **IN: Cadernos Museológicos**, nº 1. SPHAN Fundação Nacional pró-Memória. Rio de Janeiro (1989)
- HUDSON, K - **A Social History of Museums**. Macmillan. London (1975)
- IANNI, O. - O Estado e a Organização da Cultura. **IN: Encontro com a Civilização Brasileira**, nº 1. (1978)
- _____, O. - **Estado e Planejamento no Brasil**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro (1979)
- _____, O - **A Idéia do Brasil Moderno**. Brasiliense. São Paulo (1992)

- JACKNIS, I. - Franz Boas and Exhibits - on the limitations of Museum Method of Anthropology - **IN: Objects and Others - Essays on Museums and Material Culture**. George W. Stocking Jr. (ed.). History of Anthropology. vol 3. The University of Wisconsin Press. Wisconsin (1985)
- JAMIN, J. - Le Musée d'ethnographie en 1930: l'ethnologie comme science et comme politique. **IN: La Muséologie selon Georges Henri Rivière**. Dunod. Bordas (1989)
- KUNIYOSHI, C. - **Projeto de uma Exposição: Arquitetura do Imigrante Japonês em São Paulo**. dissertação de mestrado. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. São Paulo (1985)
- LA MUSEOLOGIE-SELON GEORGES-HENRI RIVIÈRE**. DUNOD. Bordas (1989)
- LEÓN, A. - **El Museo: teoria praxis e utopia**. Ediciones Cátedra. S.A. Madrid (1984)
- LEROI-GOURHAN, A. - **Les Hommes de la Préhistoire - les Chasseurs**. Editions Bourrellier. Paris (1955)
- LIMA, T.A. & BRUNO, M.C.O. & FONSECA, M.P.R. - Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, séc XIX: Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ (Exploração Arqueológica e Museológica). **IN: Anais do Museu Paulista - História e Cultura Material**. nova série, nº 1. USP. São Paulo (1993)
- LOPES, M.M. - **Museu: uma perspectiva de educação em geologia**. dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas (1988)
- _____, M.M. - **As Ciências Naturais e os Museus no Brasil no Século XIX**, tese de doutoramento. FFLCH/USP. São Paulo (1993)

- LUCENA, C. - **Linguagens da Memória**. Apoio 6. Fundação para o desenvolvimento da Educação. São Paulo (1991)
- MACDONALD, G.F. & ALSFORD, S. - **Un Musée pour le Village Global**. Musée Canadien des Civilisations. Québec (1989)
- MAGALHÃES, A. - **E Triunfo? A Questão dos Bens Culturais no Brasil**. Nova Fronteira/Fundação Nacional pró-Memória. Rio de Janeiro (1985)
- MARTINS, W. - **História da Inteligência no Brasil**. Cultrix. São Paulo (1978)
- MAURE, M.A. - Identité. Ecologie. Participation: nouveaux musées. nouvelle muséologie. **IN: VAGUES - une anthologie de la nouvelle muséologie**, vol. 2. Éditions W - M.N.E.S. Savigny - le - temple (1994)
- MENDONÇA, E.S. de - **A Extensão Cultural nos Museus**. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro (1946)
- MENESES, U.B. - Identidade Cultural e Arqueologia. **IN: Cultura Brasileira - Temas e Situações**. Ática. Série Fundamentos. São Paulo (1987)
- MENESES, U.B. - A História. Cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **IN: Revista do IEB/SP**, nº 34. São Paulo (1991)
- MENSCH, P.V. - Museus em Movimento - uma estimulante visão dinâmica sobre interrelação museologia - Museus. **IN: Cadernos Museológicos**, nº 1. SPHAN/Fundação Nacional pró Memória. Rio de Janeiro (1989)
- MENSCH, P.V. - **O Objeto de Estudo da Museologia**. Pretextos Museológicos. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro (1994)
- MICELI, S. - **Estado e Cultura no Brasil**. Difel. São Paulo (1986)
- MICELI, S. & GOUVEIA, M.A. - **Política Cultural Comparada**. FUNARTE - Finep-IDESP. Rio de Janeiro (1985)

- MIELI, M.S. - **Aspectos das atividades de marketing praticadas pelos museus voltados às artes e à história: um estudo na cidade de São Paulo.** dissertação de mestrado. Faculdade de Economia e Administração/USP. São Paulo (1983)
- MOBERG, C.A. - **Introdução à Arqueologia.** Editora 70. Lisboa (1981)
- MORAIS, J.L. - A Utilização dos Afloramentos Litológicos pelo Homem Pré-Histórico Brasileiro: análise do tratamento da matéria-prima. **IN: Coleção Museu Paulista - Arqueologia.** Vol. 7. São Paulo (1983)
- _____, J.L. - **Arqueologia de Salvamento no Estado de São Paulo. Dédalo.** nº 28. MAE/USP São Paulo (1990)
- _____, J.L. - **Secretaria Municipal de Cultura & Meio Ambiente - Planos de Reforma e Gestão.** Piraju (1992)
- MOREIRA, I.M.M. - **Museus e Monumentos em Portugal - 1772 - 1974.** Coleção Temas de Cultura Portuguesa, nº 14. Universidade Aberta. Lisboa (1989)
- MOTA, C.G. - **Ideologia da Cultura Brasileira. 1933-1974.** Ática. São Paulo (1977)
- MOUTINHO, M. - **Museus e Sociedade.** Caderno de Patrimônio, nº 5. Monte Redondo (1989)
- MUSÉES ET SOCIÉTÉS – **ACTES DU COLLOQUE NATIONAL MUSÉES ET SOCIÉTÉ MULHOUSE –UNGERSHEIN** - juin 1991. org. por Eliane Barroso e Emília Vaillant. Direction des Musées de France. Paris (1993)
- NÉGRI, V. - Les aléas juridiques des dépôts de fouilles. **IN: Musées e Collections Publiques en France** nº 195. Association Générale des Conservateurs de Collections Publique de France. Paris (1992)

- NEVES, W. - Arqueologia Brasileira: algumas considerações. **IN: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Série Antropologia, vol. 4 (2). MPEG. Belém (1988)
- NICOLAS, A. - **Nouvelles Museologies**. Marseilles Association Museologie Nouvelle et Experimentation Sociale. Paris (1985)
- NUNES, M.D. - A Utilização Cultural das Coleções Arqueológicas no Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá. **IN: Arquivos do Museu Paranaense**. Nova série, nº 3. Secretaria de Educação e Cultura. Curitiba (1966)
- OLIVEIRA, F. - **Morte da Memória Nacional**. Topbook. Rio de Janeiro (1991)
- OLIVEIRA, J. - **Contribuição para à História de Saúde Pública Paulista: o projeto de revitalização do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas**. dissertação de mestrado. PUC/SP. São Paulo (1986)
- ORTIZ, R. - **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. Brasiliense. São Paulo (1985)
- _____, R. - **A Moderna Tradição Brasileira: cultura brasileira e identidade cultural**. Brasiliense. São Paulo (1988)
- PALLESTRINI, L. - O Espaço Habitacional em Pré-História Brasileira. **IN: Revista do Museu Paulista**, N.S. XXV. São Paulo (1978)
- PENNDORF, J. - **De la Cámara del Tesoro al Museo**. Editorial Gente Nueva. Habana (1987)
- PERINETTI, F. - **Introducción a la Arqueologia**. Nueva Colección. Barcelona (1975)
- PIEILLER, E. - Il y a cinquante ans un musée des droits de l'homme?. **Quinzaine Littéraire**. 491: 13-14. Paris (1987)
- POMIAN, K. - Coleção. **Enciclopédia Einaudi/Memória-História 1**. Imp. Nac. Casa da Moeda. Porto (1984)

- _____, K. - Musée Archéologique: art, nature, histoire. **IN: Le Débat**, Éditions Gallimard. n° 49. Paris (1988)
- POSTMAN, N. - **Museus: geradores de cultura** - palestra proferida durante a 15ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus - ICOM. Haia (1989)
- PROUS, A. - L'Archéologie Brésilienne Aujourd'hui - problèmes et tendances. **IN: Estudos d'Anthropologie Brésilienne**. R. Léveque *alii* Editor. Dijon (1994)
- RAHTZ, P. - **Convite à Arqueologia**. Imago Editora. Série Diversos. Rio de Janeiro (1989)
- REAL, R. - **Binômio: Museu e Educação**. MEC-MNBA. Rio de Janeiro (1946)
- RIBEIRO, D. - **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Companhia das Letras. São Paulo (1995)
- RIVARD, R. - **Que le Musée s'ouvre... ou Vers une nouvelle museologie: les écomusées et les musées ouverts**. Quebec (1984)
- RÚSSIO, W. - **Museu? Um Aspecto das Organizações Culturais num País em Desenvolvimento**. dissertação de mestrado. Fundação Escola Sociologia e Política de São Paulo. São Paulo (1977)
- _____, W. - Museologia e Museu. **OESP**, Supl. Cultural n° 139: 6-8. São Paulo (1979)
- _____, W. - Existe um passado museológico brasileiro?. **OESP**. Supl. Cultural n° 143: 6-8. São Paulo (1979)
- _____, W. - **O museu e a criança brasileira**. **OESP**. Supl. Cultural, n° 127: 11-13 São Paulo (1980)
- _____, W. - **Um Museu de Indústria para a Cidade de São Paulo**. tese de doutoramento. Fundação Escola Sociologia e Política de São Paulo. São Paulo (1980)

- _____, W. - L'Interdisciplinarité en Museologie. **IN: Museological Working Papers.** n° 2. ICOFOM. Estocolmo (1981)
- SANTOS, M.C. - **Museu - Escola: uma experiência de integração.** dissertação de mestrado. UFBA. Salvador (1981)
- _____, M.C. - A preservação da Memória enquanto Instrumentos de Cidadania. **IN: Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus.** Universidade Federal da Bahia. Salvador (1993)
- SANTOS, M.S. - **História, Tempo e Memória: um estudo sobre museus.** dissertação de mestrado. Instituto Universitário de Pesquisas. Rio de Janeiro (1989)
- SCATAMACCHIA, M.C.; HIRATA, E.V.; BRAVO, L.; CERÁVOLO, S. - A Divulgação da Pesquisa Arqueológica junto à Comunidade: o papel do Museu Regional. **IN: Dédalo.** n° 26. MAE/USP. São Paulo (1988)
- _____, M.C. & CERÁVOLO, S. & BRAVO, L. & HIRATA, E.V. - A Recuperação do Passado: uma exposição sobre vestígios da ocupação humana no baixo vale do Ribeira. **IN: DÉDALO,** n° 28. MAE/USP. São Paulo (1990)
- _____, M.C. & CERÁVOLO, S. & DEMARTINI, C.M.C. - A Caverna do Ódio: um exemplo de utilização social do sítio. **IN: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia.** n° 2. MAE/USP. São Paulo (1992)
- SCHAER, R. - **L'Invention des Musées.** Gallimard/Reunion de Musées Nationaux. Evreux (1993)
- SCHEINER, T.C.M. - Museus e Museologia - uma relação científica?. **IN: Ciências em Museus.** vol. 1. n° 1. CNPq Belém (1989)
- SCHNAPP, A. - **L'archéologie Aujourd'hui** - Hachette. Paris (1980)
- SCHREINNER, K. - **Fundamental of Museology.** livro 6. GDR (1985)

- SCHWARCZ, L. - O Nascimento dos Museus Brasileiros 1870-1910. **IN: História das Ciências Sociais no Brasil.** vol. 1. Edições Vértice - Editora Revista dos Tribunais Ltda.. São Paulo (1989)
- SCHWARTZMAN, S. & BOMENY, H.M.B. & COSTA, V.M.R. - **Tempo de Capanema.** EDUSP. São Paulo (1984)
- SHANKS, M. & TILLEY, C. - Presenting the past: towards a redemptive aesthetic for the museum. **IN: Reconstructing Archaeology: theory and practice.** Cambridge University Press. Cambridge (1987)
- SILVA, C.M.de S. e - **Pesquisa de Público em Museus e Instituições Abertas à Visitação - Fundamentos e Metodologia.** dissertação de mestrado. UFRJ. Rio de Janeiro (1989)
- SILVA, D.A. da - Uma Experiência Educativa com Adultos. **IN: Boletim** nº 3, ano 1. MASJ. Joinville (1991)
- SODRÉ, N.W. - **Síntese de História da Cultura Brasileira.** Civilização Brasileira. Rio de Janeiro (1989)
- SOLA, T. - Contribuição para uma Possível Definição de Museologia. **IN: Cadernos Museológicos.** nº 3. SPHAN/Fundação Nacional pró-Memória. Rio de Janeiro (1990)
- SONNEVILLE-BORDES, D. - **A Pré-História.** Presença. Lisboa (1981)
- SOUZA, A.M. - História de Arqueologia Brasileira. **IN: PESQUISAS - Antropologia.** nº 46. São Leopoldo (1991)
- STURTEVART, W. - Museums as Anthropological data banks. **IN: Objects and Others: Essays on Museums and Material Culture.** George W. - Stocking Jr. (ed.). vol. 3. The University of Wisconsin Press. Wisconsin (1985)
- TABLES RONDES DU 1º SALON DE LA MUSEOLOGIE.** Museologie Nouvelle et Experimentation Social. Paris (1986)

- TAMANINI, E. - Significado Marginal do Sambaqui: educação e patrimônio. **IN: Boletim** nº 3, ano 1. MASJ. Joinville (1991)
- _____, E. - **Museu Arqueológico de Sambaqui: um olhar necessário.** Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas (1994)
- TEIXEIRA, F.M.P. - **História Concisa do Brasil.** Global.São Paulo (1993)
- TRÉPANIER, P. & NOPPEN, L. - L'objet de Musée: de l'objet témoin à l'objet dialogue. **IN: FORCES.** Québec (1992)
- TRIGUEIROS, F.S. - **Museus, sua Importância na Educação do Povo.** Irmãos Pongetti. Rio de Janeiro (1956)
- TRIGUEIROS, F.S. - **Museu e Educação.** Irmãos Pongetti . Rio de Janeiro (1958)
- VAGUES - **une anthologie de la nouvelle muséologie.** Collection Museologia nº 1. Édition W-M.N.E.S. Savigny-le-Temple. (1992)
- _____, - **une anthologie de la nouvelle muséologie.** Collection Museologia nº 2. Édition W-M.N.E.S. Savigny-le-Temple. (1994)
- VAILLANT, E. - Les Musée de Societé: chronologie et définition. **IN: Musée et Societé. Actes du Colloque National Musées et Societés Mulhouse-Ungersheim.** Paris (1993)
- VALADARES, J. - **Museus para o Povo: Um Estudo sobre Museus Americanos.** Publ. Museu do Estado da Bahia. Salvador (1946)
- VARINE BOHAN, H. - **La Culture des autres.** Edition Seuil. Paris (s/d)
- _____, H. - **O tempo Social.** Editora Eça. Rio de Janeiro (1987)
- VELHO, G - **Arte e Informação - Diagnóstico e Perspectivas** (Seminário promovido pelo Instituto Brasileiro de Arte e Cultura - IBAC). Rio de Janeiro (1991)
- VENÂNCIO FILHO, F. **Fundação Educativa dos Museus.** Estudos Brasileiros. Rio de Janeiro (1938)

VERNASCHI, E. - **Arte - Educação: uma nova perspectiva para os museus**. Tese de doutoramento. ECA/USP. São Paulo (1989)

WESCHER, P. - **I Furti d'Arte - Napoleone e la Nascita del Louvre**. Giulio Einaudi Editore. Torino (1988)

WITTGENSTEIN, L. - (1973) - **IN: Introdução a uma Ciência Pós-Moderna**. Santos. B.S. Graal. Rio de Janeiro (1989)